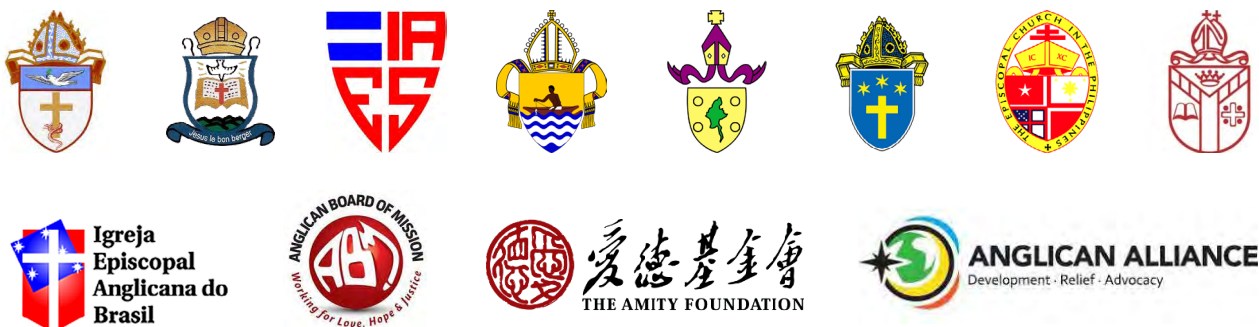


Em colaboração com



Pastores e Desastres: Manual de Ferramentas para a Resiliência a Desastres com base na comunidade para os membros e associados da Comunidade Anglicana de ajuda e desenvolvimento.

Uma iniciativa da Episcopal Relief & Development com:

Diocese Anglicana de Colombo, Sri Lanka
Igreja Anglicana de Burundi
Episcopal Anglicana Diocese de El Salvador
Diocese Anglicana de Niassa, Moçambique
Igreja da Província de Mianmar
Igreja Anglicana da Melanésia
Fundação Episcopal CARE, Filipinas
Igreja Episcopal do Sul e Sudão
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
Anglican Board of Mission
Austrália Fundação Amity, China
Anglican Alliance

© Copyright 2022 Episcopal Relief & Development. Todos os direitos reservados.

Será dada a permissão para imprimir, reproduzir e distribuir este material aos indivíduos e as organizações que queiram usá-lo para envolver outras pessoas com o trabalho e a missão da Episcopal Relief & Development na cura de um mundo ferido.

INTRODUÇÃO

Episcopal Relief & Development se satisfaz em compartilhar o Manual de ferramentas pastores e desastres, um guia de recursos e livro de ferramentas práticas, criado para ajudar a melhorar nossos esforços, a fim de responder de forma mais eficaz às gravidades crescentes e frequência nos desastres, especialmente no contexto de igrejas e organizações Anglicanas ou Episcopais locais.

A Comunhão Anglicana e suas igrejas membro estão presentes em 165 países e contam com a adesão de 85 milhões de pessoas em seis continentes. As igrejas fazem parte de suas comunidades, portanto, são capazes de responder antes, durante e depois dos desastres. Oferecem não só o conforto espiritual e solidariedade, assim como também sustentabilidade e responsabilidade em qualquer resposta, inclusive quando as suas próprias comunidades e estruturas são afetadas. Estando o mundo a testemunhar e experimentar o aumento com frequência da intensidade de desastres naturais e causados pelos homens, agências internacionais humanitárias como a Episcopal Relief & Development, tem visto um crescimento na generosidade de parceiros locais para servir e acompanhar na recuperação de comunidades afetadas.

Episcopal Relief & Development trabalha principalmente em parceria com igrejas e organizações anglicanas locais. Treze representantes dos parceiros se reuniram conosco em 2010 uma revisão integral das nossas respostas de emergência confirmou que, em quase todos os casos, as igrejas em áreas afetadas responderam espontaneamente, de forma rápida e instintivamente. Também confirmamos que muitos desastres ocorrem com regularidade. Algumas áreas estão expostas à seca; outras sofrem com as inundações anuais devido aos tufões e monções. Nesses lugares, há muito a ser feito para preparar e atenuar o impacto desses acontecimentos inevitáveis. A análise revelou oportunidades específicas para que as igrejas utilizem suas experiências e formalizem boas práticas que sejam coerentes com as normas internacionais. Assim, nossas igrejas podem elevar sua capacidade em servir às comunidades de forma mais eficaz e aproveitar as novas parcerias e os recursos.

ABAGAIL NELSON

Executive Vice President

.....

Programas Internacionais
Episcopal Relief & Development

Convocamos um Grupo Global de Trabalho em Redução de Riscos e Gestão de Desastres para que colaborasse na criação dessas ferramentas. Doze representantes dos sócios se reuniram conosco da Austrália, Brasil, China, El Salvador, Moçambique, Mianmar, Filipinas, Ilhas Salomão, Sul do Sudão, Sri Lanka, Reino Unido e os Estados Unidos da América. Estamos imensamente gratos pelas suas contribuições e generosidade.

Por mais de 2 anos, o grupo de trabalho adaptou, desenvolveu e testou em campo, as ferramentas que são fáceis de usar, e podem ser utilizadas em contextos de baixa e alta capacidade. A primeira edição foi publicada em 2015, e a segunda edição incorpora práticas melhores e mais estratégias resilientes baseadas em evidências.

As ferramentas são especialmente adaptadas ao contexto Anglicano, e são projetadas para aproveitar nossos ativos e recursos, técnicos e estruturais existentes, aumentando assim a conscientização das redes disponíveis e melhorando os mecanismos de controle, ampliando e aumentando a capacidade local. Baseamo-nos em uma grande variedade de materiais já existentes, que são identificados como referências.

O Manual Pastores e Desastres é uma ferramenta de livre acesso, que permite ser utilizado por qualquer pessoa interessada em equipar as organizações de serviços para se prepararem, moderarem e responderem aos desastres de forma eficiente e eficaz.

Convidamos você a compartilhar esses recursos, assim como seus comentários e experiências conosco.

NAGULAN NESIAH

Senior Program Officer, Disaster Resilience

.....

Programas Internacionais
Episcopal Relief & Development

COMO USAR O MANUAL DE FERRAMENTAS

O Manual está dividido em 6 secções:

1 Estudos Bíblicos Contextuais

Os Estudos Bíblicos Contextuais podem ser usados para mobilizar e envolver aquele que está aprendendo através da exploração de passagens bíblicas com temas sobre resiliência a desastres. Este manual de ferramentas inclui 4 Estudos Bíblicos.

2 Termos e Definições

Compreender os termos e definições padrão é parte da capacitação em resiliência a desastres e os componentes deste manual de ferramentas. Revise os termos e definições antes de percorrer o manual de ferramentas.

3 Competências Centrais

O conteúdo técnico do Manual de Ferramentas é dividido em quatro Competências Centrais. Habilidades, conhecimentos e know-how representados nessas quatro competências demonstram uma capacidade avançada em Resiliência a Desastres atingirem fluência nessas quatro principais competências, demonstra fluência em Resiliência a Desastres:

- Mobilização Comunitária
- Avaliação de Riscos
- Implementação da Resiliência Desastres
- Respostas aos Desastres

4 Avaliação de Resiliência a Desastres

Oito Normas estabelecem áreas temáticas específicas dentro das quatro competências. Cada padrão tem três níveis: iniciante, intermediário e avançado - desenvolvido com o objetivo de que o usuário alcance a etapa mais avançada de cada padrão, utilizando esse Manual de Ferramentas.

5 Ferramentas

Cada uma das 26 Ferramentas oferece ideias, instruções, guias e informações para Resiliência a Desastres.

6 Estudos de Caso, Referências, Fotos

Há três estudos de caso incluídos nesta seção, cada uma reflexão, um planejamento e atividades em diferentes áreas geográficas.

ÍNDICE

1	Estudos Bíblicos Contextuais	1.0
2	Termos e Definições	2.0
3	Competências Principais	3.0
	Competência Principal 1: Mobilização Comunitária	3.1
	Competência Principal 2: Avaliação de Resiliência	3.2
	Competência Principal 3: Implementação da Resiliência a Desastres	3.4
	Competência Principal 4: Respostas a Desastres	3.5
4	Avaliação de Resiliência a Desastres	4.0
5	Ferramentas	5.0
	Ferramenta 1: Servindo à comunidade em general	5.1
	Ferramenta 2: Oficina para a comunidade ou Líderes das Paróquias	5.3
	Ferramenta 3: Oficina para Líderes das igrejas	5.7
	Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê	5.11
	Ferramenta 5: Desenvolvimento de um Plano de Trabalho do Comitê	5.14
	Ferramenta 6: Descrição do cargo de Coordenador de Resiliência a Desastres	5.16
	Ferramenta 7: Exercícios Básicos de mapeamento	5.18
	Ferramenta 8: Exercícios Amplos de mapeamento	5.22
	Ferramenta 9: Priorizar as atividades	5.27
	Ferramenta 10: Sistema de Alerta Prévio	5.32
	Ferramenta 11: Sistema de Comunicação	5.35
	Ferramenta 12: Centros de Evacuação	5.37
	Ferramenta 13: Simulacros com a Comunidade	5.39
	Ferramenta 14: Kits de Preparação para uso doméstico	5.41
	Ferramenta 15: Gestão de Voluntários	5.43
	Ferramenta 16: Programação de Resiliência	5.46
	Ferramenta 17: Resiliência Agrícola	5.48
	Ferramenta 18: Indicadores de Resiliência a Desastres	5.52
	Ferramenta 19: Lista de Verificação de Avaliação Rápida	5.54
	Ferramenta 20: Avaliação rápida para Gênero e Inclusão	5.58
	Ferramenta 21: Princípios Centrais	5.64
	Ferramenta 22: Folhas de Dicas Temáticas	5.66
	Ferramenta 23: Construindo Resiliência na Resposta e Recuperação de Desastres	5.74
	Ferramenta 24: Políticas de Cuidado da Equipe	5.78
	Ferramenta 25: Plano de Contingência Institucional	5.82
	Ferramenta 26: Reconhecer e Gerenciar o Estresse	5.84
6	Estudos de Caso, Referências, Fotos	6.0



SEÇÃO 1

ESTUDOS BÍBLICOS CONTEXTUAIS

ESTUDOS BÍBLICOS CONTEXTUAIS

Os Estudos Bíblicos Contextuais convidam, quem está aprendendo, a explorar passagens bíblicas em que desastres são abordados. Analisando essas escrituras é construída uma fundação bíblica mais forte de Resiliência a Desastres. Cada Estudo deve durar 1 hora e é desenvolvido para grupos de estudos que aplicam a técnica de aprendizado “FAMA”.

Esses Estudos Bíblicos podem ser usados para mobilizar, engajar e esclarecer as lideranças da igreja e comunidade em conceitos de Resiliência a Desastres, no começo do processo para gerar energia ou em qualquer outro ponto durante o processo de capacitação para reforçar as fundações bíblicas desse trabalho.

A técnica “FAMA” proporciona uma estrutura de autodescoberta e aprendizado usando um tipo de exercício ou código. Nesse caso, o código é uma passagem bíblica, seguido de quatro conjunto de perguntas que incentivam a descoberta e afirmação do conhecimento e experiências que as pessoas já têm.

FAMA vem do inglês **F**-facts (fatos), **A**-association (associação), **M**-meaning (significado), e **A**-action (ação). Que representa o tipo de perguntas direcionadas as pessoas e grupos conforme elas são guiadas da reflexão para descoberta e para ação.

Aqui damos um exemplo genérico das perguntas em uma lição da técnica “FAMA”:

1 Fatos

Ajudar as pessoas a refletir e discutir o que elas acabaram de escutar, ver ou fazer. (ex.: o exercício ou código).

Exemplo de pergunta: O que você escuta na passagem Bíblica? Você pode contar uma história sobre o que você escutou nas Escrituras Bíblicas? O que está acontecendo na história que nós escutamos? Quem eram os atores principais? Qual papel cada um deles desempenhou?

2 Associação

Ajudar as pessoas a conectar a experiência ou o código aos seus próprios sentimentos e suas próprias vidas.

Exemplo de pergunta: Você já viu algo assim antes? Você já passou por algo parecido ou você já se sentiu/esteve em uma situação como os personagens da história? Você pode compartilhar um exemplo ou sua própria história?

3 Significado

Ajudar as pessoas a identificar e discutir os significados mais profundos da experiência ou do código, as lições a serem aprendidas, a importância da história para elas, para os outros e sua comunidade em geral.

Exemplo de pergunta: Como as passagens Bíblicas e sua própria experiência faz você se sentir? Com qual frequência algo assim acontece? Quais são as consequências? Que efeito isso tem em você ou em outros? O que nós podemos aprender com essa história e/ou com as nossas próprias histórias?

4 Ação

Incentivar as pessoas a agir.

Exemplo de pergunta: O que você pode fazer nessa situação? O que você pode fazer sozinho? O que vocês podem fazer juntos? Como? Por quê? Começando quando?

ESTUDO BÍBLICO CONTEXTUAL 1

Genesis 41

Temas explorados

Preparação para Desastres; Liderança; Resiliência a desastres baseada em recursos

1 Fatos

- O que aconteceu na história?
- Qual era o plano de Joseph para o gerenciamento de desastres?
- Nesta história, o que era importante para José e o Faraó?

2 Associação

- Que avisos recebemos, não apenas em desastres, mas em outras situações? E como você respondeu?
- Qual a sua experiência em preparação para desastres?
- Qual a sua experiência de ouvir sua voz interior/voz de Deus?

3 Significado

- Que lições aprendemos com essa história?
- O que aprendemos sobre a mobilização de pessoas e recursos para Resiliência a Desastres?
- O que aprendemos com esta história sobre programação baseada em recursos e resiliência?
- Quais qualidades José tinha que o tornaram adequado para esta tarefa?
- Você consegue identificar algum líder natural em sua diocese que possa ajudar na preparação ou resposta a desastres?

4 Ação

- O que você se sente convocado a fazer com base nessa conversa?
- De que maneiras você pode trabalhar com sua diocese para preparar melhor sua comunidade para enfrentar possíveis dificuldades ou desastres?
- De que maneiras você pode incentivar iniciativas e lideranças locais?

ESTUDO BÍBLICO CONTEXTUAL 2

Luke 8: 43-48

Temas explorados

Inclusão, Poder, Coragem, Marginalização, Construções Sociais

1 Fatos

- O que aconteceu na história?
- O que a mulher fez?
- Como Jesus reagiu?

2 Associação

- Existem populações em sua comunidade que são marginalizadas como a mulher?
- Existem ministérios da igreja (como o manto) que não atingem (tocam) os mais vulneráveis?
- Existem ministérios da igreja que alcançam aqueles que anseiam por isso? Como esses dois se conectam?
- Você já teve uma experiência em que demonstrou coragem como a mulher?

3 Significado

- Quem tem mais poder na história?
- Como a reação de Pedro reflete em como as pessoas de seu contexto podem reagir em uma situação semelhante?
- O que Jesus está nos ensinando nesta história?
- O que a mulher sangrando está nos ensinando nesta história?

4 Ação

- O que você se sente convocado a fazer com base nessa conversa?
- Como podemos, como comunidade da igreja, demonstrar maior coragem em nosso trabalho?
- O que aprendemos com essa história que pode mudar a maneira como nos deparamos com nós mesmos, nossos problemas e nossas necessidades?
- Com quem nós devemos construir relacionamentos como a mulher sangrando?
- O que esta passagem nos diz sobre como podemos facilitar a nossa família, igreja e comunidade a atender as necessidades percebidas?

ESTUDO BÍBLICO CONTEXTUAL 3

Genesis 6:9 - 8:22

Temas explorados

Conscientização sobre Desastres; Mobilização Comunitária; Resiliência a Desastres.

1 Fatos

- O que aconteceu na história?
- Que medidas Noé tomou para se preparar para o dilúvio?
- Como você pode descrever o dilúvio?
- Como você pode descrever a experiência pós-dilúvio?

2 Associação

- Qual a sua experiência antecipando uma situação de desastre?
- Quais são alguns métodos de alerta disponíveis para nós?
- Como você acha que outras pessoas teriam reagido à iniciativa de construção da arca de Noé? Que oposição você enfrentou/poderia enfrentar na preparação para desastres?
- Qual a sua experiência em agir proativamente em um alerta de um evento iminente?

3 Significado

- Que lições aprendemos com essa história?
- De que forma Noé tomou providências para o período durante o dilúvio e o período após o dilúvio?
- O que aprendemos sobre o monitoramento constante da situação e o ajuste de nossa resposta de acordo?
- O que aprendemos sobre building back better [reconstruir para melhor] a partir dessa história?

4 Ação

- O que você se sente convocado a fazer com base nessa conversa?
- Que considerações você deve priorizar ao preparar sua comunidade para ser mais resiliente a desastres?
- De que forma sua diocese deve construir um bom relacionamento com a comunidade e outras partes interessadas a fim de fornecer lideranças em situações de desastre?

ESTUDO BÍBLICO CONTEXTUAL 4

Zachariah 8: 3-12

Temas explorados

*Building back better [reconstruir para melhor]; Mobilização Comunitária;
Resiliência a Desastres.*

1 Fatos

- O que aconteceu na história?
- Como é a visão de Deus para Jerusalém?

2 Associação

- Que partes da visão de Deus se destacam mais para você?
- Qual a sua experiência em reconstrução ou reparação?
- Quais partes da visão de Deus você consegue ver em sua mente?
- Quais partes da visão de Deus fazem você se sentir esperançoso?
- Quais características da visão de Deus ressoam em você?

3 Significado

- Que lições aprendemos com essa história?
- Que tipo de palavras o versículo usa para descrever a visão de Deus para Jerusalém? Elas são negativas ou positivas?
- A visão de Deus para o futuro é positiva ou negativa?
- Quais são as características de uma comunidade ou vizinhança que você valoriza?
- As visões de Deus para o futuro são baseadas no medo e no ódio, ou no amor e na esperança?

4 Ação

- O que você se sente convocado a fazer com base nessa conversa?
- Quais são seus próprios sonhos e visões para o seu futuro?
- Quais são os sonhos para o futuro de sua família/ paróquia/ diocese/ nação?
- Quais são as medidas que podemos implementar para ajudá-la(o) a alcançar esse sonho?



SEÇÃO 2
TERMOS E DEFINIÇÕES

TERMS & DEFINITIONS

Avaliação: Atividades para coletar informações para determinar os efeitos de um desastre.

Avaliação de risco: A capacidade de analisar que os riscos representam uma ameaça à comunidade, prestando atenção às vulnerabilidades e capacidades.

Capacidades: Os recursos e habilidades que as pessoas possuem, podem ser desenvolvidas, acumuladas, utilizadas e acessadas. Isso lhes permite lidar com os riscos de desastres naturais e ter mais controle sobre como construir seu próprio futuro.

Competências: Habilidades de fazer algo com sucesso ou de forma eficiente.

Desastre: Situações em que o perigo afeta as pessoas que estão em uma situação vulnerável, e que são incapazes de lidar com o impacto de risco.

Ferramenta: Formato, instrumento ou instrução utilizado na realização de uma determinada tarefa.

Gestão de desastre: Todos os aspectos na preparação e resposta aos desastres, incluindo o antes, o durante e o depois do incidente de risco.

Interseccionalidade: A conexão de marcadores sociais (como raça, classe, idade, deficiência e gênero) conforme se aplicam a um determinado indivíduo ou grupo, que cria múltiplos impactos de discriminação ou desvantagem.

Marginalizada(o): Pessoa ou grupo que é tratado como insignificante, periférico nas margens, por barreiras conceituais ou sistêmicas.

Mobilização comunitária: Capacidade de envolver a comunidade e os líderes da igreja em todas as fases da programação.

Mitigação: Diminuir, reduzir ou evitar os impactos nocivos de um desastre de várias formas, como o plantio de árvores e a construção ou melhora de abrigos, aterros, drenagens, canais, etc.

Monitoramento: O processo de verificação dos programas e planos de trabalho com regularidade para assegurar que estão ajudando a alcançar os objetivos

Padrão: Nível de qualidade.

Partes interessadas: Indivíduos ou grupos que são afetados ou envolvidos diretamente em uma atividade

Preparação para desastres: Preparar, prever e reagir ao impacto esperado de um perigo.

Plano para a redução de riscos e desastres: Programa de atividades que fazem bom uso dos ativos existentes e reduzem os riscos com resultados, cronograma e orçamento.

Perigo: Evento, objeto natural ou situação, que tem o potencial de causar danos ou prejuízos à infraestrutura e aos serviços, pessoas, e suas propriedade, meio de subsistência e ambiente.

Preparação: Atividades projetadas pela comunidade para antecipar, planejar-se, fazer frente, absorver e recuperar-se de um desastre.

Prevenção: Ver Mitigação.

Proteção: Atividades destinadas para proteger as pessoas, indivíduos e os grupos (incluindo, mas não limitado a, meninas adolescentes, idosos e pessoas com deficiência), durante desastres e garantir a igualdade de acesso aos serviços e recursos

Resposta a desastres: A capacidade de ter métodos disponíveis para proporcionar alívio em curto prazo, e ajudar a suprir as necessidades de recuperação e reabilitação, incluindo as atividades na redução de riscos.

Risco de desastres: Potenciais perdas através de desastres com relação à vida, saúde, os meios de vida, dignidade e os bens e serviços, o que poderia ocorrer em uma comunidade se um perigo acontecesse.

Redução de riscos de desastres: A prática em reduzir os riscos de desastre através de uma análise contínua e gestão dos fatores que podem causar um desastre. Por exemplo, reduzir a exposição aos riscos, diminuindo a vulnerabilidade das pessoas e propriedade, realizando uma gestão segura da terra e do ambiente e melhorando a prevenção.

Recuperação: recuperação e melhoria das instalações, meios e condições de vida de comunidades afetadas por desastre, projetado para reduzir os riscos de desastres e aplicar o conceito “construir melhor” para ajudar a comunidade a lidar melhor com todos os desastres futuros.

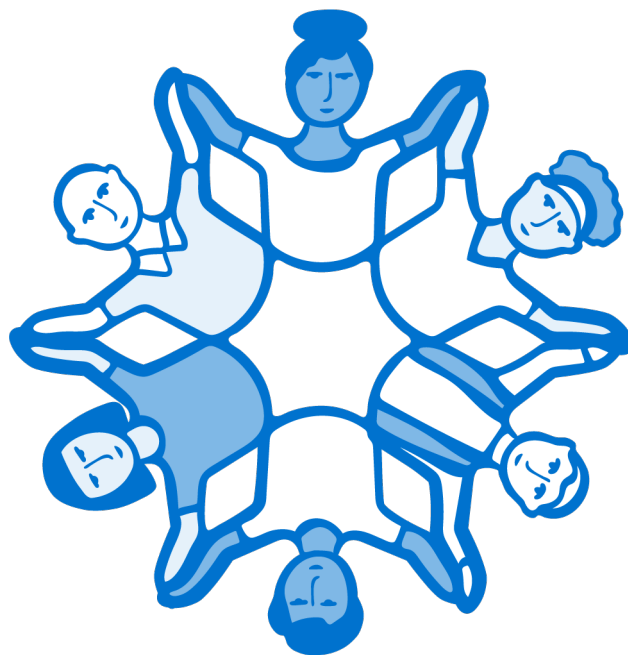
Resiliência: A capacidade de uma comunidade ou uma sociedade exposta aos perigos de resistir, absorver, adaptar-se e recuperar dos efeitos de um perigo de uma maneira oportuna e eficiente.

Risco: Probabilidade de que consequências negativas surjam quando os perigos interagem com áreas vulneráveis, pessoas, propriedades e ambiente. Ver também Risco de Desastres.

Salvaguardar: Proteger indivíduos de todas as formas de dano, violência, abuso e negligência.

Sistema de alerta prévio: Sistema necessário para gerar e distribuir a informação de advertência em caso de perigo para ajudar os indivíduos, comunidades e organizações para se preparar e agir adequadamente a tempo, para reduzir os danos ou prejuízos.

Vulnerabilidade: O estado que reduz a capacidade de uma comunidade para se preparar e lidar com o impacto de riscos devido à sua situação econômica, social, física ou geográfica.





SEÇÃO 3

COMPETÊNCIAS CENTRAIS

O conteúdo técnico do Manual de Ferramentas é dividido em quatro tópicos ou temas, que chamamos de “Competências Centrais”. Acreditamos que a habilidade, o conhecimento e know-how representados nessas quatro competências demonstram capacidade avançada na Resiliência a Desastres, com base em nossa experiência e piloto de teste com as igrejas e agências da igreja.



Competência Central 1

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Competência 1 consiste na capacidade de empoderar e encorajar os membros da comunidade, incluindo estabelecer comitês de desastres que representam a diversidade da comunidade. Os membros do Comitê são treinados na preparação mitigação e resposta aos desastres.

Mobilização Comunitária é a capacidade de trabalhar com líderes comunitários e religiosos, em todas as fases da programação. Com uma presença enraizada, a Igreja Anglicana reconhece o valor dos grupos comunitários para a direção e gestão do seu próprio desenvolvimento. A participação ativa dos membros da comunidade avaliando, projetando, planejando e implementando todas as fases dessa programação é um aspecto fundamental da igreja local.

Os líderes locais são identificados e mobilizados a formar um Comitê de Desastres. Todas as atividades são concebidas, implementadas, monitoradas e avaliadas tendo a representação da comunidade em mente. As experiências, necessidades, funções, capacidades, benefícios e encargos de mulheres e homens, meninas e meninos, ricos e pobres, anglicanos e não-anglicanos, jovens e idoso são levados em consideração durante o processo de organização. Esta competência se cumpre, ainda que se reconheça que existem vários níveis de acesso e controle sobre os recursos, e que o trabalho, os benefícios e as consequências podem variar amplamente entre diferentes tipos de pessoas. Cooperação comunitária garante que as pessoas tenham uma verdadeira participação nas decisões que irão afetá-las, com o objetivo de construir domínio total das estratégias prioritárias e atividades subsequentes.

Os organizadores da comunidade da igreja asseguram amplos consulta com todos os setores da população, reduzindo, assim, a dependência das estruturas tradicionais de poder da elite.

Acreditamos que todos têm algo a oferecer e que os recursos de uma comunidade são abundantes, mesmo em tempos de desastre. Incluindo os grupos mais vulneráveis que podem contribuir significativamente, através da troca de ideias e conhecimentos, assim como fornecendo mão de obra qualificada e/ou não qualificada e matérias primas.



Competência Central 2

AVALIAÇÃO DE RESILIÊNCIA

Competência 2 é a capacidade dos líderes de completar e supervisionar um plano de avaliação de resiliência. Uma Avaliação de Resiliência baseia-se nas habilidades, conhecimentos e recursos disponíveis dentro e fora da comunidade e leva em consideração as suas vulnerabilidades existentes. Como no caso da primeira competência, vários de membros da comunidade estão envolvidos: líderes civis, assim como grupos historicamente marginalizados específicos, incluindo, mas não limitado a mulheres, idosos, pessoas com deficiência, crianças e outros grupos marginalizados.

1 Capacidades e Habilidades

O primeiro elemento na avaliação de resiliência é a determinação da comunidade, e das capacidades ou potencialidades individuais. Capacidades, ou seja, as habilidades e os bens que as pessoas possuem nas comunidades, podem ser usados para ajudar num momento de desastre. Capacidades referem-se aos pontos fortes a longo prazo que não são focados durante uma súbita mudança nas circunstâncias. Alguns exemplos incluem:

- **Humano:** grupos de jovens, União de mães, cooperativas de fazendeiros, círculos de poupanças*
- **Pastoral:** paróquias, recursos espirituais, redes ecumênicas
- **Social:** principais paroquianos, relações com funcionários do governo
- **Financeiro:** propriedade, acesso a equipamentos ou transportes, etc

*Um programa que ajuda indivíduos e famílias de baixa renda a economizar para os bens necessários enquanto desenvolvem habilidades de gerenciamento de dinheiro

2 Perigos ou Ameaças

Uma avaliação de risco determina quais são os perigos ou ameaças prováveis que ocorrem na comunidade. Tendo em conta as vulnerabilidades, habilidades, conhecimentos e recursos disponíveis dentro e fora da comunidade. Alguns exemplos podem incluir (mas não estão limitados):

- **Causados pelo homem:** guerra, tensão política, lutas tribais, infraestrutura ou construção instável, saques, movimentos populacionais
- **Perigos naturais:** ciclones, furacões/tufões, inundações, terremotos, incêndios florestais, deslizamentos, seca

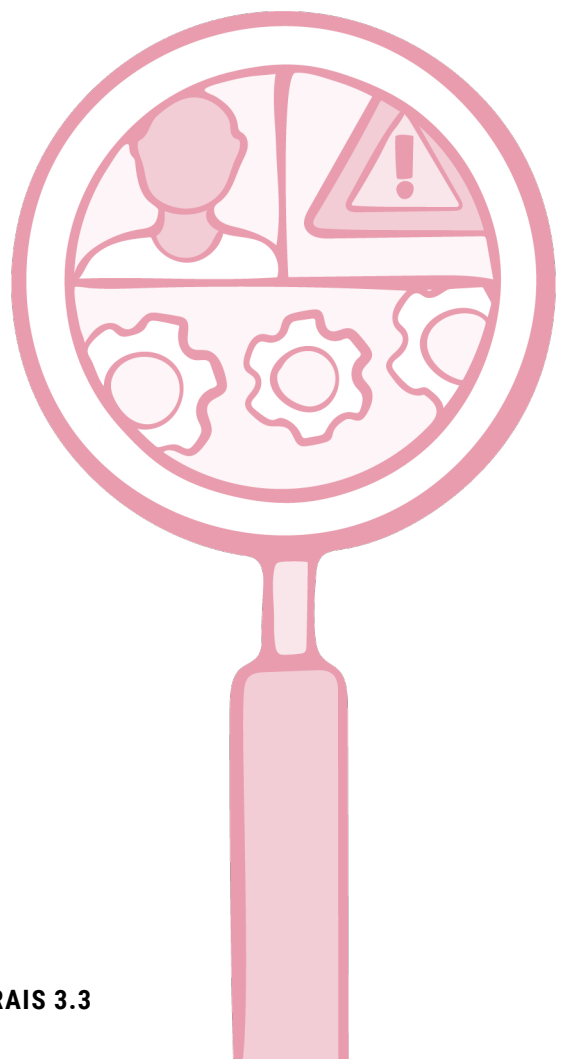
3 Vulnerabilidade

Uma avaliação de risco confere especial atenção à vulnerabilidade das comunidades. A vulnerabilidade se determina observando como as pessoas são capazes de se proteger dos desastres, assim como sua capacidade de adaptação aos seus efeitos e impactos. Os fatores que contribuem para a vulnerabilidade incluem (mas não estão limitados):

- A falta de entrosamento com os outros, a falta de movimentos da sociedade civil
- Práticas discriminatórias (no que concerne ao gênero, idade, raça, deficiência, classe, orientação sexual, etc.).
- O acesso escasso à educação, saúde, recursos financeiros e humanos
- Acesso escasso à ajuda do governo e corrupção nas estruturas do governo
- Degradação ambiental

Avaliação de Resiliência analisa as capacidades, riscos e vulnerabilidades da comunidade. Uma estratégia de Resiliência a Desastres, aumenta a resiliência geral (e diminui riscos), aumentando capacidades, reduzindo riscos e diminuindo vulnerabilidades.

$$\text{RESILIÊNCIA} = \frac{\text{CAPACIDADES}}{\text{PERIGOS X VULNERABILIDADES}}$$





Competência Central 3

IMPLEMENTAÇÃO DA RESILIÊNCIA A DESASTRES

Competência 3 permite que as comunidades desenvolvam e executem um plano de gestão de resiliência para aumentar a resiliência a desastres enquanto incorpora os conhecimentos, habilidades e recursos previamente identificados. A implementação da Resiliência a Desastres se refere à capacidade de executar o plano, utilizar os bens existentes, propriedades, rede de contatos recursos locais e outros ativos para reduzir o risco e aumentar a resiliência.

A implementação da Resiliência a Desastres envolve falar com diversas pessoas que representam diversos setores da comunidade. As ferramentas nesta seção estão designadas para permitir que as pessoas coloquem em ação algumas das soluções identificadas durante a fase de avaliação.

As atividades de Resiliência a Desastres podem ser diversas e extensas. O objetivo deste capítulo não é fornecer uma lista completa. Em vez disso, esperamos fornecer algumas ferramentas simples que melhorarão a capacidade de recuperação da família e da comunidade.

As Atividades de Resiliência a Desastres Incluem:

1. Estabelecer (e capacitar) os sistemas de comunicação de alerta
2. Fazer sugestões sobre os kits de preparação para uso doméstico
3. Reforçar os planos de preparação da comunidade paroquial ou diocesano
4. Incorporar atividades de resistência de risco no programa para o desenvolvimento



Competência Central 4

RESPOSTA A DESASTRES

Competência 4 é a capacidade dos líderes para responder efetivamente a desastre. Serão capazes de avaliar as necessidades durante uma resposta a desastres, e poderão responder de uma forma alinhada às normas internacionais.

A Resposta a Desastres refere-se à capacidade de executar atividades de alívio e recuperação de valor agregado e que atendem às necessidades de curto e longo prazo em colaboração com outros atores humanitários (governamentais ou não governamentais). Acreditamos que é importante definir o papel da igreja de auxiliar em necessidades que não estão sendo atendidas, por exemplo, busca e resgate podem ser melhor administrados por aqueles com esse encargo ou certificando-se de que a igreja não seja solicitada indevidamente a absorver um papel que é dever do governo.

Acreditamos que incorporar atividades de Redução de Riscos e Desastres também aumentam a resistência diante de futuros choques ou desastres, isso reforça a resposta. Os programas de reforço e recuperação também levam em consideração os recursos, pontos fortes e as contribuições das próprias pessoas afetadas, assim como a comunidade local e organizações nacionais. Uma resposta eficaz e eficiente deve ser oportuna e inclusiva ao mesmo tempo que promove dignidade àqueles impactados.

Reconhecemos também que o sofrimento causado pelo desastre tem suas raízes na pobreza. Esta é a tarefa dos programas de desenvolvimento para ajudar a reduzir o nível de pobreza e vulnerabilidade a desastres. O melhor lugar para a Resposta a Desastres é o contexto de desenvolvimento. O trabalho de resposta pode e deve promover o desenvolvimento dos objetivos em vez de criar dependência. Esforços de ajuda responsável e eficaz auxiliam no retorno à normalidade o mais rápido possível. Atinge-se essa meta através da manutenção de uma perspectiva em longo prazo no desenvolvimento do potencial físico e humano de uma região e suas comunidades.

O propósito desta competência é descrever os princípios humanitários reconhecidos a nível internacional e para que eles se adequam no âmbito e natureza na resposta da Igreja.

Também se proporcionam ao cuidado do aqueles respondendo a esse desastres ferramentas críticas relacionadas aos recursos humanos.



SEÇÃO 4
AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE

INTRODUÇÃO

As igrejas e organizações parceiras da Comunhão Anglicana podem ter diferentes níveis de capacitações e experiências em relação ao tema de Resiliência a Desastres. Nosso manual de fermentas tem o objetivo de ser útil, não importa em que nível você esteja tem o objetivo de ser útil, não importa onde você se encontre na escala de capacidade e experiência. Em outras palavras, pode ser que você esteja no início, e todas essas ideias são novas para você. Há ferramentas para você. Ou você pode ter muitos anos de resposta lidando com desastres. Temos instruções para você, também. Acreditamos também que as igrejas anglicanas e agências parceiras, independente de em que nível estejam, serão capazes de construir e melhorar sua capacidade a um nível profissional avançado, usando este Manual de Instruções.

Em nossa revisão da literatura existente, nosso Grupo de Trabalho analisou muitos recursos disponíveis. No entanto, não foi possível encontrar uma instrução necessária para atender a duas necessidades identificadas acima: aumento da capacidade na Resiliência a Desastres e aumento da capacidade de gestão de desastre. Assim, o Grupo de Trabalho elaborou uma planilha de avaliação para atender a essas necessidades.

O Grupo de Trabalho concordou com oito regras básicas para atender as quatro competências básicas, conforme se detalha no gráfico a seguir. Essas competências e normas são realmente as metas para tentar alcançar. Ao fazer o possível para cumprir esses objetivos, as igrejas anglicanas, agências e outros grupos estarão respondendo aos perigos de forma mais profissional e eficaz possível.

Com a finalidade de guiá-lo através das diversas atividades, criamos uma planilha de trabalho de avaliação de capacidade que inclui o monitoramento tanto das capacidades de Resiliência a Desastres como de gestão de desastres. Esta planilha é para você usá-la antes, durante e logo após a ocorrência de um desastre. Você poderia usá-la antes de um desastre, para que seja mais fácil responder de forma mais eficaz quando algo acontecer. Além disso, você poderá utilizá-la durante e logo após a ocorrência de um desastre para garantir que você está mantendo os padrões profissionais.

A Planilha de Avaliação de Capacidade é uma ferramenta de monitoramento para manter a simplicidade e conexão através e entre as quatro competências. As pontuações fornecem os níveis de capacidade e refletem uma mudança no nível de capacitação.

PANORAMA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE



CENTRAL 1
Mobilização Comunitária

Ferramentas 1

Servindo a comunidade em geral

Ferramentas 2

Oficina para Líderes da Comunidade ou da Paróquia

Continua na próxima página

**PADRÕES 1**

Oficinas de Resiliência a Desastres e Gestão

**PADRÕES 2**

Liderança em Resiliência a Desastres

**CENTRAL 2**

Avaliação de Resiliência

**PADRÕES 3**

Avaliação dos Riscos

**CENTRAL 3**

Implementação de Resiliência a Desastres

Ferramentas 3

Oficina para Líderes da Igreja

Ferramentas 4

Papéis e Responsabilidades do Comitê

Ferramentas 5

Desenvolvimento de um Plano do Trabalho de Resiliência a Desastres

Ferramentas 6

Descrição do cargo de Coordenador de Resiliência a Desastres

Ferramentas 7

Exercícios Básicos de mapeamento

Ferramentas 8

Exercícios Amplos de mapeamento

Ferramentas 9

Priorizar as atividades

Ferramentas 10

Sistema de Alerta Prévio

Ferramentas 11

Sistema de Comunicação

Ferramentas 12

Centros de Evacuação

Continua na próxima página

**PADRÕES 4**

Plano de Gestão de Resiliência

**PADRÕES 5**

Integração de Resiliência a Desastres

**CENTRAL 4**

Disaster Response

**PADRÕES 6**

Avaliação das Necessidades

**PADRÕES 7**

Atividades de Resposta

**PADRÕES 8**

Cuidado do Pessoal

Ferramentas 13

Simulacros com a Comunidade

Ferramentas 14

Kits de Preparação para Residências

Ferramentas 15

Gestão de Voluntários

Ferramentas 16

Programação de Resiliência

Ferramentas 17

Resiliência Agrícola

Ferramentas 18

Indicadores de Resiliência a Desastres

Ferramentas 19

Lista de Verificação de Avaliação Rápida

Ferramentas 20

Avaliação rápida para Gênero e Inclusão

Ferramentas 21

Princípios Centrais

Ferramentas 22

Folhas Temáticas de Conselhos

Ferramentas 23

Construindo Resiliência na Resposta e Recuperação de Desastres

Ferramentas 24

Políticas de Cuidado da Equipe

Ferramentas 25

Plano de Contingência Institucional

Ferramentas 26

Recognizing & Managing Stress

OME DA COMUNIDADE/PARÓQUIA

FECHA DE LA EVALUACIÓN

REALIZADA POR

PONTUAÇÃO

Novato	A = 0
Principiante	B = +1
Intermediário	C = +2
Avançado	D = +3

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE

A planilha é uma ferramenta de monitoramento de avaliação com o objetivo de manter a simplicidade e conexão através e entre as quatro competências. As pontuações fornecem os níveis de capacidade e refletem uma os avanços na capacitação. Faça a contagem da sua pontuação no final da Planilha de Avaliação para determinar sua força Central e recomendamos que você reavalie regularmente, mas não menos que anualmente. Listadas na parte inferior de cada pergunta estão as Ferramentas de Capacitação para ajudar a melhorar suas pontuações e encontrar as ferramentas de Capacidade recomendadas.

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 1



COMPETÊNCIA CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 1
Oficinas de Resiliência a Desastres

Você já conduziu alguma oficina de resiliência?

- | | | | |
|----------|--|----------|-------|
| A | Não. | A | _____ |
| B | Sim, e discutimos o que funcionou, o que poderia ter sido melhor e o que pode ser melhorado. Alguns de nossos líderes entendem o conceito de Resiliência a Desastres, tais como os riscos e as vulnerabilidades. | B | _____ |
| C | Sim, mais de uma oficina com o comitê paroquial ou comunitário. A maioria dos líderes da igreja e da comunidade entendem os conceitos de Resiliência a Desastres. | C | _____ |
| D | Sim, incluindo as oficinas com a comunidade em geral, as igrejas anglicanas e os líderes da igreja. Muitos membros da comunidade e da paróquia entendem os Conceitos de Resiliência a Desastres. | D | _____ |

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 1: Servindo a Comunidade em geral, p. 5.1

Ferramenta 2: Comunidade ou líderes paroquiais, p. 5.3

Ferramenta 3: Liderança da Igreja, p. 5.7

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 2



COMPETÊNCIA CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 2
Liderança em Resiliência a Desastres e

Você já formou um comitê de desastres?

- | | | | |
|----------|---|----------|-------|
| A | Não. | A | _____ |
| B | Sim, formamos um comitê diversificado*. O comitê não se reúne regularmente, muitas vezes, ou ainda não decidiu sua missão ou escolheu um coordenador. | B | _____ |
| C | Sim, formamos um Comitê de Desastres diversificado. Todos os membros foram treinados. O comitê identificou as responsabilidades para o coordenador e cada um de seus membros. Se houver um coordenador, ele ou ela é o principal responsável pela coordenação durante as emergências. | C | _____ |

Continua na próxima página

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 2

- D** Sim, os membros do Comitê de Desastres são demograficamente diversificados (com representantes de grupos marginalizados), foram treinados e conhecem bem suas funções e responsabilidades. O comitê se reúne mensalmente para analisar e melhorar a plano de Resiliência a Desastres. Um coordenador do comitê em tempo integral ajuda o comitê a fazer seu trabalho.

D _____

***Diverso:** representa a comunidade através da inclusão de diferentes grupos étnicos, tribos, religiões, etc.

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê, p. 5.11

Ferramenta 5: Desenvolvimento de um Plano do Trabalho de Resiliência a Desastres, p. 5.14

Ferramenta 6: Descrição do cargo de Coordenador de Resiliência a Desastres, p. 5.16

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 3



COMPETÊNCIA CENTRAL 2
Avaliação de Risco



PADRÃO 3
Avaliação de Resiliência

Você trabalhou uma avaliação de resiliência?

- A** Não. **A** _____
- B** Sim, O Comitê de Desastres realizou uma avaliação básica para identificar as capacidades, recursos, riscos e vulnerabilidades. **B** _____
- C** Sim, O Comitê de Desastres realizou uma avaliação básica para identificar as capacidades, recursos, riscos e vulnerabilidades. Os membros da Comunidade foram convidados a participar da oficina. **C** _____
- D** Sim, uma vasta avaliação foi realizada para identificar as capacidades, recursos, riscos e vulnerabilidades. Os participantes eram diversificados. **D** _____

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 7: Mapeamento Básico, page 5.18

Ferramenta 8: Mapeamento Amplo, page 5.22

Continua na próxima página

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 4



COMPETÊNCIA CENTRAL 3
Implementação da Resiliência a Desastres



PADRÃO 4
Plano de Gestão de Resiliência

Você já realizou uma análise de resiliência na comunidade?

- | | |
|---|----------------|
| A Não. | A _____ |
| B O Comitê de Desastres conduziu uma avaliação de resiliência na comunidade. | B _____ |
| C O Comitê de Desastres conduziu a análise de resiliência em cada comunidade e o grupo de participantes é diversificado. | C _____ |
| D O Comitê de Desastres levou a análise de resiliência em cada comunidade, o grupo participante é diversificado, e o comitê checkou cada segmento da comunidade, mais de uma vez, para ver se eles estão usando o plano e, para ajudá-los a atualizar o plano. | D _____ |

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 9: Priorizar as atividades, p. 5.27

Ferramenta 10: Sistema de Alerta com Antecedência, p. 5.32

Ferramenta 11: Sistema de Comunicação, p. 5.35

Ferramenta 12: Centro de Evacuação, p. 5.37

Ferramenta 13: Simulações com a Comunidade, p. 5.39

Ferramenta 14: Kits de Preparação para uso Doméstico, p. 5.41

Ferramenta 15: Administração de voluntários, p. 5.43

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 5



COMPETÊNCIA CENTRAL 3
Implementação da Resiliência a Desastres



PADRÃO 5
Integração de Resiliência a Desastres

Os projetos de desenvolvimento comunitário integram as atividades Resiliência a Desastres?

- | | |
|--|----------------|
| A Não. | A _____ |
| B Sim, quando planejamos os projetos de desenvolvimento da comunidade, consideramos as vulnerabilidades que podem ser limitadas ou estar enfraquecidas durante um desastre. | B _____ |
| C Sim, o planejamento para todos os projetos de desenvolvimento inclui a análise de resiliência e orçamento para atividade de Resiliência a Desastres. | C _____ |

Continua na próxima página

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 5

- D** Sim, não só o planejamento para todos os projetos da comunidade inclui a análise de resiliência e orçamento para atividades de Resiliência a Desastres, mas a integração de RRD também inclui indicadores de seguimentos para avaliar o impacto das atividades de Resiliência a Desastres.

D _____

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 16: Programação de Resiliência, p. 5.46

Ferramenta 17: Resiliência Agrícola, p. 5.48

Ferramenta 18: Indicadores de Resiliência a Desastres , p. 5.52

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 6



COMPETÊNCIA CENTRAL 4
Resposta a Desastres



PADRÃO 6
Avaliação das Necessidades

Você trabalhou uma avaliação das necessidades?

- A** Não. **A** _____
- B** Sim, as comunidades realizaram uma ou mais avaliações de necessidades dos membros da comunidade afetada. Avaliação incluiu dar prioridade em atender as necessidades de populações vulneráveis**.
- B** _____
- C** Sim, as necessidades foram avaliadas incluindo priorizar populações vulneráveis**. E os dados da avaliação foram analisados no contexto das estabilidades e capacidades da comunidade. **C** _____
- D** Sim, não só as necessidades foram avaliadas por este manual, priorizando populações vulneráveis, mas também a comunidade trabalhou em colaboração com outras organizações para uma avaliação em conjunto. **D** _____

****Vulneráveis:** Pessoa ou grupo em um estado que reduz a sua capacidade de se preparar e lidar com o impacto de riscos devido a sua situação econômica, social, física ou geográfica.

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 19: Lista de Verificação de Avaliação Rápida, p. 5.54

Ferramenta 20: Avaliação Rápida para Gênero e Inclusão, p. 5.58

Continua na próxima página

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 7



COMPETÊNCIA CENTRAL 4
Resposta a Desastres



PADRÃO 7
Atividades de Resposta

Você já desenvolveu um plano de resposta?

- | | |
|--|----------------|
| A Não. | A _____ |
| B Sim, temos desenvolvido um plano que aborda as necessidades básicas e urgentes de sobrevivência imediatamente após um desastre. | B _____ |
| C Sim, não só se elaborou um plano com base em uma avaliação que prioriza populações vulneráveis, mas o plano também segue “padrões mínimos” das necessidades básicas, como água, saneamento, construção de abrigos e alimentação. | C _____ |
| D Sim, além de abordar as necessidades imediatas da comunidade após um desastre com base em uma avaliação que prioriza populações vulneráveis e seguir “normas mínimas” para satisfazer as necessidades essenciais, o plano cobre uma recuperação precoce, aumentando a resiliência, reduzindo o risco e melhorando a capacidade da comunidade para prevenir e minimizar futuros perigos. | D _____ |

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta 21: Princípios Centrais , p. 5.64

Ferramenta 22: Folhas de Dicas Temáticas, p. 5.66

Ferramenta 23: Construindo Resiliência na Resposta e Recuperação de Desastres, p. 5.74

PLANILHA DE AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE 8



COMPETÊNCIA CENTRAL 4
Resposta a Desastres



PADRÃO 8
Cuidado do Pessoal

Você desenvolveu práticas e diretrizes para garantir cuidados aos funcionários?

- | | |
|--|----------------|
| A Não. | A _____ |
| B Sim, a equipe e voluntários recebem aconselhamento de apoio, quando é necessário. | B _____ |
| C Sim, e também existem diretrizes para a terapia pastoral e profissional. | C _____ |
| D Sim, além das diretrizes que permitem o apoio de terapia, a equipe é treinada para identificar os sintomas psicossociais. | D _____ |

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADE

Ferramenta: 24: Política de cuidados com a equipe, p. 5.78

Ferramenta: 26: Reconhecer e Lidar com o Estresse, p. 5.84



SEÇÃO 5

FERRAMENTAS

As ferramentas encontradas na Seção 5 são projetadas para o Desenvolvimento de funcionários, Líderes da Igreja e os membros da paróquia/comunidade para fornecer ideias, instruções, guias e informações em Resiliência a Desastres.



CENTRAL 1

Mobilização Comunitária



PADRÃO 1

Oficinas de Resiliência a Desastres

Ferramenta 1 SERVINDO A COMUNIDADE EM GERAL

O QUE É ISSO?

Orientações para trabalhar com e para prestar assistência a grupos ou comunidades distintas da comunidade anglicana.

POR QUE USÁ-LA?

Estas diretrizes têm o objetivo de ajudá-lo a trabalhar com comunidades ou líderes que não sejam especificamente anglicanos.

COMO USAR?

Muitas vezes, somos chamados a prestar assistência às comunidades que estão fora da nossa própria comunidade anglicana. Há um espaço para que ajudemos nossos vizinhos, ainda mesmo que não compartilhamos a mesma língua ou crenças religiosas. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e Crescente Vermelho criaram um código de conduta para as ONGs, que muitas igrejas têm adotado. Dois dos princípios fundamentais são os seguintes:

- 1 A ajuda e o apoio da Igreja devem ser dados às pessoas de qualquer raça, credo, gênero, religião e nacionalidade, sem tendência ou preconceito. As prioridades são para ser trabalhadas com base em necessidade exclusiva. Isso significa que precisamos ajudar a todos, independentemente do grupo em que estejam inseridos.
- 2 Assistência e distribuição da Igreja, não devem ser usadas para promover pontos de vistas políticos ou religiosos. Isto significa que não podemos fazer proselitismo.

Uma vez que reconhecemos e concordamos com esses princípios, em situações difíceis. Como podemos segui-los? Como podemos trabalhar com líderes de outras religiões que não seja a Igreja Anglicana?

Continua na próxima página

O Rei, respondendo, lhes dirá:

“Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Mateus 25:40

ASPECTOS IMPORTANTES A CONSIDERAR

- 1** Reunir-se com líderes religiosos, líderes étnicos e líderes comunitários. Solicite uma reunião para debater sobre as necessidades da comunidade. É importante que demonstre ser muito sincero com relação às suas intenções e suas esperanças. Suas intenções são para ajudar as pessoas e construir dignidade e não para convertê-los ou causar mal. Responda a todas as perguntas com calma e compaixão. Pense em como você poderia se sentir, se alguém de outra fé viesse para seu bairro para dar assistência.
- 2** Coopere com os líderes locais. Planeje com eles qual será a resposta ao desastre e como será realizada, prestando atenção a quais lacunas a sua igreja pode preencher. Não tome qualquer ação sem envolvimento e parceria deles. Isto significa que se você fizer uma distribuição de alimentos, inclua representantes do grupo de parcerias para realizá-lo. Trabalhe em Conjunto. Quando você decidir que as famílias vão receber ajuda, decida com alguém do outro grupo. Não tome nenhuma decisão sozinha(o).
- 3** Conheça o local, costumes, tradições e valores. Deixe de lado seus próprios costumes e tradições para homenagear aqueles da comunidade onde você quer servir. Isso pode significar assistir aos serviços religiosos para demonstrar sua boa vontade e honrar suas práticas. Continue a pensar sobre como você se sentiria se estivesse no lugar deles.
- 4** Nunca assuma que você está certo, sobre de como as coisas devem ser feitas, ou qual é a melhor maneira de agir.

**SER BONDOSO.
TRABALHE EM CONJUNTO.
HONRE AS TRADIÇÕES.
PERGUNTE, ESCUTE.**

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado no Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 2 & 3: Realização de Oficinas Resiliência a Desastres, p. 5.3, p. 5.7

Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê, p. 5.11



CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 1
Oficinas de Resiliência a Desastres

Ferramenta 2

OFICINA PARA LÍDERES DA COMUNIDADE OU PARÓQUIA

O QUE É ISSO?

É uma oficina participativa sobre a Redução de Risco dirigido à paróquia e líderes comunitários.

POR QUE USÁ-LA?

Esta ferramenta consiste em uma oficina para preparar os participantes para atividades de redução de riscos posteriores. Embora muitas das atividades de redução de risco sejam facilitadas pela equipe do programa ou os membros do comitê, são úteis compartilhar ideias gerais com os líderes religiosos e comunitários.

COMO USAR?

- 1 Dependendo da situação, às vezes é importante reunir-se com líderes comunitários antes de fazê-lo com a comunidade em geral. Em outras ocasiões, uma abordagem de baixo para cima é mais eficaz.
- 2 Peça ao bispo ou líder comunitário sua bênção e identifique um lugar e momento adequado.
- 3 Confirme e reserve um local com espaço suficiente para ter pequenos grupos de debate.
- 4 Use ou adapte o parágrafo sugerido abaixo para enviar convites para no máximo 25 pessoas. Convide guardas e líderes da paróquia, membros da sociedade civil, chefes de tribos e líderes de jovens. Preste muita atenção na representação demográfica, incluindo de forma adequada a participação feminina, idosos e jovens.

Sugestão do texto de convite:

Você está cordialmente convidado para participar de uma Oficina sobre como entender, pensar e reduzir os riscos de desastres em sua comunidade/paróquia/diocese. A fim de desenvolver um conjunto de atividades para fortalecer/capacitar a diocese/paróquia na sua comunidade a se recuperar após um desastre, por isso precisamos da sua participação. Esta Oficina terá duração de três horas e será realizada em:

Continua na próxima página

- 5 Se você ainda não tem uma relação forte com seu público, ou se está desenvolvendo essa relação, você pode considerar em se organizar com um líder da paróquia ou comunidade.
- 6 Prepare a logística, incluindo a organização:
 1. Transporte para os participantes
 2. Um tripé com suporte ou outro dispositivo de apresentação para cada oito pessoas
 3. Assentos em círculo para os participantes

NA OFICINA

1 **Faça essas perguntas a todo o grupo, e incentive a participação:**

1. Você ou sua família já passou por uma grande crise familiar? Discuta suas emoções, medos e as ações que vivenciaram seus familiares.
2. Alguém se lembra de algum tipo de desastre que aconteceu na nossa região? Qual foi o impacto?
3. Como reagiu a comunidade?
4. Alguém pode se lembrar de alguma situação que teria se tornado um desastre se não tivesse sido tomada a ação correta a tempo? Quais medidas foram adotadas que impediram consequências mais sérias?
5. Como responderia sua comunidade a esse tipo de desastre, por exemplo, um grande acidente de caminhão ou um incêndio, envolvendo muitas vítimas, caso acontecesse amanhã?
6. Que tipo de desastre você mais teme? Por que?
7. Há alguma coisa que poderia ser feito para diminuir o impacto desse tipo de desastre?

2 **Divida o grupo em oito para discutir os tipos de perigos: naturais e causados pelo ser humano. Após 10 minutos de trabalho em grupo, peça a cada grupo para apresentar seu trabalho ao plenário cheio.**

1. Que tipo de perigos seriam mais suscetíveis de ameaçar nossa comunidade? Há sinais de alerta? Elabore uma lista.
2. Que circunstâncias envolvem certos perigos comuns em nossa comunidade? Pode incluir, por exemplo, construção com grama ou folhas de palmeiras, grama seca de arbusto que possa causar incêndios florestais, muita chuva, construindo em planícies de inundação, não limpando drenos, insetos que destroem o cultivo ou pessoas que vivem nas encostas, etc.
3. Quão bem estão equipadas as autoridades locais para lidar com qualquer um desses eventos?
4. Quão bem equipada está nossa comunidade para lidar com qualquer um desses eventos?

Continua na próxima página

NA OFICINA

- 3** Divida o grupo em diferentes grupos de oito para discutir o impacto dos desastres em certos grupos de pessoas. Depois de ler o breve cenário, peça aos grupos que discutam as questões abaixo por 10 minutos. Dê tempo para que os grupos apresentem seu trabalho no plenário cheio.

“Imagine que numa grande barragem surja enormes rachaduras, há uns 100 km acima da nossa comunidade. As autoridades sabem que é provável que haja uma ruptura nas próximas 24 horas. Eles alertam todas as comunidades através de transmissões de rádio e funcionários com alto-falantes, para que evacuem imediatamente.”

1. Discuta como as pessoas da sua comunidade se seriam afetadas.
2. Qual seria o caminho de fuga mais rápido e seguro?
3. Considere os diferentes tipos de pessoas em nossa comunidade. Como seriam afetados logo após um desastre, e em longo prazo, depois de várias semanas ou meses?
4. Quem está mais propenso a sofrer efeitos graves? Por quê?
5. Como você pode planejar para ajudar os grupos de pessoas suscetíveis de sofrer o impacto mais grave?
6. O que as organizações locais podem fazer para ajudá-los?

- 4** Divida as pessoas em pares e leia essa história em voz alta:

“Você acorda e percebe que sua casa está pegando fogo. Todo o telhado está em chamas e não há nada que você possa fazer para salvá-la. Não há mais ninguém na casa. Você tem apenas dois ou três minutos para tirar as cinco coisas mais importantes para você. O que você gostaria de pegar?”

1. Dê as pessoas alguns minutos para decidir quais são as cinco coisas que pegariam em primeiro lugar.
2. Em seguida, peça a cada par para decidir quais itens iriam retirar primeiro e porquê.
3. Peça aos pares para compartilhar com o grupo todo, os itens que escolheram. Explique que eles fizeram uma lista de pertences. De tudo que eles possuíam, eles priorizaram os cinco pertences mais importantes.
4. Depois que eles decidirem, seus pertences principais e deram suas razões para escolhê-los.
5. Depois que as pessoas partilharam seus principais pertences, debater se isso iria beneficiar toda a comunidade. As pessoas deveriam reconsiderar seus pertences?

- 5** Tente um exercício semelhante, dessa vez considerando os pertences da comunidade:

“Você ouve no rádio que um ciclone vai trazer ventos fortes e inundações que vai chegar à sua região, em uma hora. Pense na sua comunidade e decidam quais são as cinco ações que devem tomar para evitar ou minimizar os danos à vida, à pecuária ou propriedades.”

Continua na próxima página

NA OFICINA

1. Com o grupo todo, discuta sobre os ativos e recursos da comunidade, usando as perguntas abaixo:
 2. Faça uma lista com todos os líderes da comunidade em sua área, tanto governamentais como não governamentais. Em uma situação de emergência, quem fornece as instruções? Quando aqueles que têm autoridade dão instruções confusas e, às vezes, diferentes, que instruções seguir?
 3. Que experiência esses líderes têm na organização das pessoas? Qual experiência eles têm no planejamento? Como se poderia ampliar para ajudá-los a preparar para a resposta aos desastres?
 4. Quão próximos estão esses líderes ligados aos funcionários do governo? Como se pode reforçar os vínculos entre os funcionários do governo, grupos religiosos, ONGs e grupos comunitários, reforçando e melhorando a comunicação?
 5. Quão eficazes são os grupos religiosos para capacitar e preparar os membros que se preparam para a liderança? Como isso pode ser melhorado?
- 6 Na etapa final, analise com os participantes como Comitê de Redução de Risco de Desastres utilizará as informações da oficina e as ferramentas deste Manual para melhorar um plano de atividades para reduzir o risco da sua comunidade nos próximos meses.**
- 7 Registre as informações coletadas, e as mantenha em um lugar seguro para uso futuro.**

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado em Burundi e El Salvador.

REFERÊNCIA

Hansford, B (2006). Disasters and the Local Church, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê, p. 5.11



CENTRAL 1

Mobilização Comunitária



PADRÃO 1

Oficinas de Resiliência a Desastres

Ferramenta 3 OFICINA PARA LÍDERES DAS IGREJAS

O QUE É ISSO?

Uma oficina participativa sobre a Redução de Risco para impactar a igreja e diocesano/líderes.

POR QUE USÁ-LA?

Esta ferramenta consiste em uma oficina para preparar os participantes para atividades de redução de riscos posteriores. Embora muitas das atividades de redução de risco sejam facilitadas pela equipe do programa ou membros do comitê, é útil compartilhar as ideias gerais com os líderes da igreja e diocesanos/ provinciais.

COMO USAR?

- 1 Peça ao bispo ou arcebispo sua permissão ou bênção e identifique um lugar e momento adequado.
- 2 Confirme e reserve um local para a oficina, um espaço adequado para a divisão de pequenos grupos.
- 3 Use ou adapte o parágrafo sugerido abaixo para enviar convites para no máximo 25 pessoas. Convide líderes diocesanos, incluindo leigos, arquidiácono, reitores e chefes de departamentos. Preste muita atenção na representação demográfica, incluindo adequada participação feminina, idosos e jovens.

Sugestão do texto de convite:

Você está cordialmente convidado para participar de uma Oficina sobre como analisar e reduzir os riscos de desastres em sua comunidade/ paróquia/ diocese. Solicitamos sua participação, a fim de desenvolver um conjunto de atividades para fortalecer a capacidade de recuperação da sua comunidade/paróquia/diocese, após um desastre. Esta Oficina terá duração de três horas e será realizada em:

- 4 Prepare a logística, incluindo a organização:
 1. Transporte para os participantes
 2. Um tripé com suporte ou outro dispositivo de apresentação para cada oito pessoas
 3. Assentos em círculo para os participantes

Continua na próxima página

NA OFICINA

1 **Faça essas perguntas a todo o grupo, e incentive a participação:**

1. De que forma você acha que sua igreja poderia responder imediatamente se ocorresse um desastre?
2. Quais são os planos que sua igreja poderia desenvolver agora, para que pudesse responder rapidamente, se e quando um desastre ocorresse?

2 **Divida o grupo em grupos de oito para discutir ativos da igreja. Após 10 minutos de trabalho em grupo, peça a cada grupo para apresentar seu trabalho ao plenário cheio.**

1. Que bens ou recursos sua igreja possui e que poderia ser útil em um desastre? Pense em terrenos, edifícios, sinos, etc.
2. Que informação útil sua igreja informar tanto antes como durante de um possível desastre?
3. Quais habilidades têm em sua congregação? Alguns exemplos incluem conhecimento médico, experiência na construção e capacidade para oferecer terapia.

3 **Divida o grupo em diferentes grupos de oito para discutir de que forma os líderes da igreja podem modelar e incentivar atitudes e valores de compaixão. Pergunte aos pequenos grupos para discutir as questões abaixo. Após 20 minutos de trabalho em grupo, prepare os grupos para apresentar seus trabalhos em plenário cheio.**

1. Como a igreja pode demonstrar amor e hospitalidade em tempos de crise?
2. De que maneira sua igreja poderia apoiar aqueles que foram vítimas ou estão emocionalmente perturbados por cause de desastres?
3. Quais são os valores e atitudes em sua comunidade que tornam algumas pessoas mais vulneráveis a desastres? Será que a comunidade tem uma cultura supersticiosa ou aceita a fatalidade?
4. Como sua igreja pode desafiar e alterar esses valores e atitudes?
5. Quais são os principais ensinamentos que a Igreja deve promover após um desastre?
6. Quais são as fontes de conflito existentes em sua comunidade e o que a igreja pode fazer para ajudar a resolver essas tensões?
7. Como a igreja pode garantir que todos na comunidade precisam de ajuda?

4 **Divida as pessoas em pares para ter um diálogo mais profundo sobre a facilitação da ação comunitária.**

1. Como sua igreja poderia reunir a comunidade em geral para decidir sobre as medidas para preparar ou responder aos desastres?
2. Quem são as pessoas chave em sua comunidade, que você gostaria de envolver no planejamento e na execução de uma reunião na comunidade?

Continua na próxima página

NA OFICINA

- 5 Com o grupo completo, discuta como a igreja pode usar suas redes de contatos para defender em nome dos mais vulneráveis.**
1. Há problemas de injustiça em sua comunidade local que precisam ser desafiados? Como sua igreja pode melhorar isso?
 2. Quem são as pessoas em sua comunidade que podem estar sendo negligenciadas pelos programas de resposta de emergência devido a fatores geográficos ou por falta de conexões?
- 6 Por último, compartilhe com os participantes de como o Comitê de Redução de Risco de Desastres usará as informações da oficina e as ferramentas deste manual para garantir um plano de atividades na redução de risco, em sua comunidade ao longo dos próximos meses.**

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Adaptado e testado no Brasil, Burundi e El Salvador

REFERÊNCIA

Venton P and Hansford, B (2006). ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê, p. 5.11

NOTAS DE CAMPO

A large rectangular area with a light blue border, containing 25 horizontal dotted lines for writing notes.



CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 2
Liderança em Resiliência a Desastres

Ferramenta 4

PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DO COMITÊ

O QUE É ISSO?

Uma lista dos papéis e responsabilidades centrais de um Comitê de Redução de Riscos de Desastres e Gestão.

POR QUE USÁ-LA?

É necessário um comitê ou grupo para responder bem em caso de emergência. E você precisará que a experiência dos membros corresponda às necessidades e expectativas da comissão.

COMO USAR?

- 1 O líder eclesial, bispo ou líder da comunidade deve convidar as seguintes pessoas para servir no comitê:
 1. Clero incluindo os superiores eclesial, bispo, sacerdote da paróquia, etc., conforme o caso
 2. Líderes leigos, incluindo seleccione guardas paroquiais e chefes da comunidade
 3. Representantes do Departamento incluindo a União das Mães, Associações Juvenis, etc.
 4. Pessoas com experiência e/ou conexões com gestão de desastres
 5. Pessoas com experiência em planejamento e monitoramento
 6. Pessoas dispostas e capazes de ajudar em áreas designadas
 7. Pessoas de outros credos e origens

Sugestão do texto de convite:

A Diocese/Paróquia/Organização de Desenvolvimento Comunitário está planejando estabelecer um Comitê de Redução de Risco de Desastres e Gestão de Desastres. O Comitê trabalhará em um Plano de Redução de Risco de Desastres para nossa diocese/paróquia/comunidade. O Comitê também irá supervisionar o Coordenador de Redução de Risco de Desastres e Gestão de Desastres. Estamos à procura de um grupo de pessoas que estejam dispostas a apoiar o Coordenador da diocese/paróquia/comunidade nos esforços de preparação, mitigação e resposta. Estamos convidando você para fazer parte deste Comitê durante o período mínimo de dois anos.

Continua na próxima página

2 O comitê será responsável pelas seguintes atividades:

1. Reproduzir o compromisso de Cristo e outros grandes líderes espirituais com a verdade, a misericórdia, justiça e o amor para com todas as pessoas.
2. Estabelecer metas e objetivos na redução de desastres
3. Desenvolver, analisar e compreender plenamente o plano de Redução de Risco de Desastres
4. Liderar treinamentos, quando for necessário
5. Comunicar o plano totalmente às paróquias e comunidades através de treinamentos, sermões, etc.
6. Garantir que as atividades de preparação tenham continuidade e sejam atuais
7. Fornecer à paróquia suporte durante períodos de estresse; por exemplo, coordenar serviços e atividades
8. Prestar apoio e orientação ao coordenador, conforme necessário

3 Durante as reuniões mensais, o comitê avançará com as seguintes ações:

1. Conhecer sua própria área de responsabilidade dentro do plano
2. Revisar e atualizar o plano regularmente para se certificar de que está funcionando
3. Quando ocorrer um desastre, executar o plano de preparação ou plano posterior ao desastre
4. Avaliar o plano após o usá-lo; fazendo as alterações necessárias
5. Em intervalos regulares, convidar novos membros para integrar o comitê

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado em El Salvador, Moçambique e Ilhas Salomão

REFERÊNCIA

US Disaster Program (2011). Preparedness Planning Guide, Episcopal Relief & Development.

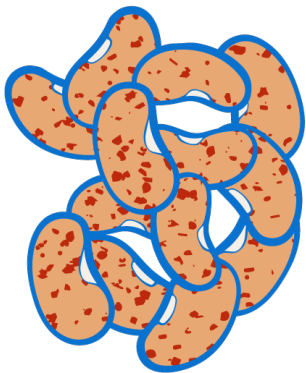
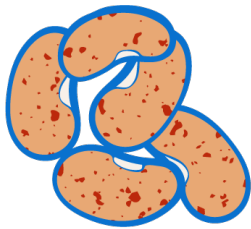
PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 6: Descrição do cargo de Coordenador de Resiliência a Desastres, p. 5.16

Ferramentas 2 & 3: Realização de Oficinas RRD, p. 5.3, p. 5.7

HISTÓRIAS DE CAMPO

MAPEAMENTO DE RISCOS EM BURUNDI



Cada vez que a igreja em Burundi inicia um projeto, eles primeiro convocam uma reunião com a comunidade para aprender a partir das suas perspectivas e experiências. Ao lançar um projeto de preparação para desastres, a igreja convocou uma reunião com grupos de foco para aprender com a comunidade sobre sua experiência em desastres e acompanhá-los no desenvolvimento de estratégias. A comunidade se reuniu debaixo de uma árvore e foi presenteada com uma pilha de feijões no meio do círculo de pessoas. Com cada feijão representando um risco (por exemplo, danos nas colheitas, seca, guerra, malária, etc.), a comunidade foi solicitada a dividir os grãos em pilhas pequenas ou grandes para mostrar o quanto cada perigo impactaria e atrapalharia suas vidas. Os grupos foram divididos por gênero e idade, para reconhecer a dignidade de cada membro da comunidade e possibilitar melhor as perspectivas diferentes. A conversa da comunidade usando os feijões e a análise subsequente dos resultados levam a comunidade a desenvolver uma estratégia sobre resiliência a desastres.



CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 2
Liderança em Resiliência a Desastres

Ferramenta 5

DESENVOLVIMENTO DE UM PLANO DE TRABALHO DE RESILIÊNCIA A DESASTRES

O QUE É ISSO?

Um exercício para fornecer orientações ao Comitê de Desastres sobre desenvolvimento e atualização de um plano de trabalho de Resiliência a Desastres.

POR QUE USÁ-LA?

Sem um plano de ação, a tarefa de aumentar a Resiliência a Desastres ou administrar desastres pode ser desanimadora. Este simples exercício é projetado para simplificar o processo e torná-lo mais eficaz.

COMO USAR?

- 1 Faça um quadro como este, rotule a primeira coluna "Atividades". Liste todas as atividades essenciais e continue com outras atividades. Faça a primeira fileira, "Linha do Tempo". Na primeira fileira, anote um prazo de tempo realista, usando unidades de tempo semanais, mensais ou trimestrais. Na grelha, insira uma marca ou uma data mais específica, quando o comitê espera que se coloque em práticas as atividades.

ACTIVITIES	MONTHLY TIMELINE			
	Jan-Mar	Apr-June	July-Sept	Oct-Dec
Realizar as oficinas de Resiliência a Desastres Ferramentas 1 e 2				
Recrutar o Coordenador de Resiliência Ferramentas 4		May 1		
Recrutar o Coordenador de Resiliência Ferramentas 4			August 20	October 20
Conduzir o Mapa de resiliência Ferramentas 7 e 8				
Compilar una lista de contatos Ferramentas 11		June 15		



CENTRAL 1
Mobilização Comunitária



PADRÃO 2
Liderança em Resiliência a Desastres

Ferramenta 6

DESCRIÇÃO DO CARGO DE COORDENADOR DE RESILIÊNCIA A DESASTRES

O QUE É ISSO?

Uma descrição de amostra do trabalho de um Coordenador de Resiliência a Desastres, se seu diocesano ou líder provincial decide que precisa de uma pessoa em tempo parcial ou integral para coordenar e gerenciar as atividades de resiliência de desastres.

POR QUE USÁ-LA?

A contratação de um voluntário adequado ou um funcionário com uma função claramente definida é essencial para a supervisão e organização preparação dos programas de e mitigação, e quando for necessário, para coordenar as operações de socorro e recuperação.

COMO USAR?

- 1 Use a linguagem abaixo para discutir com seus líderes provinciais ou diocesanos e crie uma exposição de trabalho que atenda às suas necessidades locais.
- 2 Determine se a posição é voluntária ou remunerada, e se é em tempo integral ou tempo parcial, e mencione isso na descrição do trabalho. NOTA: Não recomendamos que o clero faça esse trabalho porque se houver algum desastre, será necessário ter o clero à disposição para satisfazer as necessidades espirituais e emocionais da população, portanto, o clero não terá tempo ou energia para liderar a resposta a desastres.
- 3 Publique a descrição do trabalho dentro da Igreja, ecumênico e da sociedade civil.
- 4 Ao entrevistar candidatos, certifique-se que os candidatos entendam bem suas funções e responsabilidades, inclusive capacitando paróquias e comunidades por meio de atividades antes, durante e após um desastre.

Continua na próxima página

DESCRIÇÃO DE AMOSTRA DE TRABALHO

Deveres e responsabilidades incluem:

- Recrutar um Comitê de Desastres
- Dar apoio aos Comitês de Desastres a nível provincial, diocesano e paroquial/comunitário
- Realizar reuniões regulares do Comitê de Desastres.
- Coordenar e planejar treinamentos a nível diocesano, paroquial e comunitário.
- Conduzir a criação e manutenção de um Plano de Resiliência a Desastres
- Ajudar as paróquias/comunidades em estabelecer comitês locais e a criar/atualizar os planos de desastre
- Estabeleça relações com outras agências ecumênicas, sem fins lucrativos e governamentais
- No caso de desastre, comunique-se com os comitês locais para avaliar as necessidades em auxiliar na implementação dos planos de resposta
- Em caso de desastre, coordene-se com os sócios com relação às necessidades e a melhor forma de obter recursos necessários para as comunidades afetadas
- Quaisquer outras funções serão atribuídas pelo supervisor, comitê ou bispo

Os requisitos incluem:

- Energia positiva e capacidade de trabalhar em colaboração com o clero e leigos de diversas origens e diferentes níveis de compreensão
- Uma pessoa auto motivada, detalhista, com forte capacidade de organização
- Habilidades superiores de comunicação oral e escrita, experiência ao falar em público

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado em El Salvador, Moçambique e Ilhas Salomão

PRÓXIMO PASO

Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê, p. 5.11

Ferramenta 2 & 3: Conduzir Oficinas de Resiliência a Desastres, p. 5.3, p. 5.7



CENTRAL 2

Avaliação de Resiliência



PADRÃO 3

Avaliação de Resiliência

Ferramenta 7 EXERCÍCIO BÁSICO DE MAPEAMENTO

O QUE É ISSO?

Exercícios básicos para identificar os perigos, vulnerabilidades e capacidades em uma comunidade, até o final do processo lhe fornecerá um Mapa de Resiliência completo.

POR QUE USÁ-LA?

Um Mapa de Resiliência é útil na avaliação da intensidade, frequência e propensão de riscos; analisando os níveis de vulnerabilidade das pessoas e instalações; e identifica oportunidades para reforçar os pontos fortes existentes.

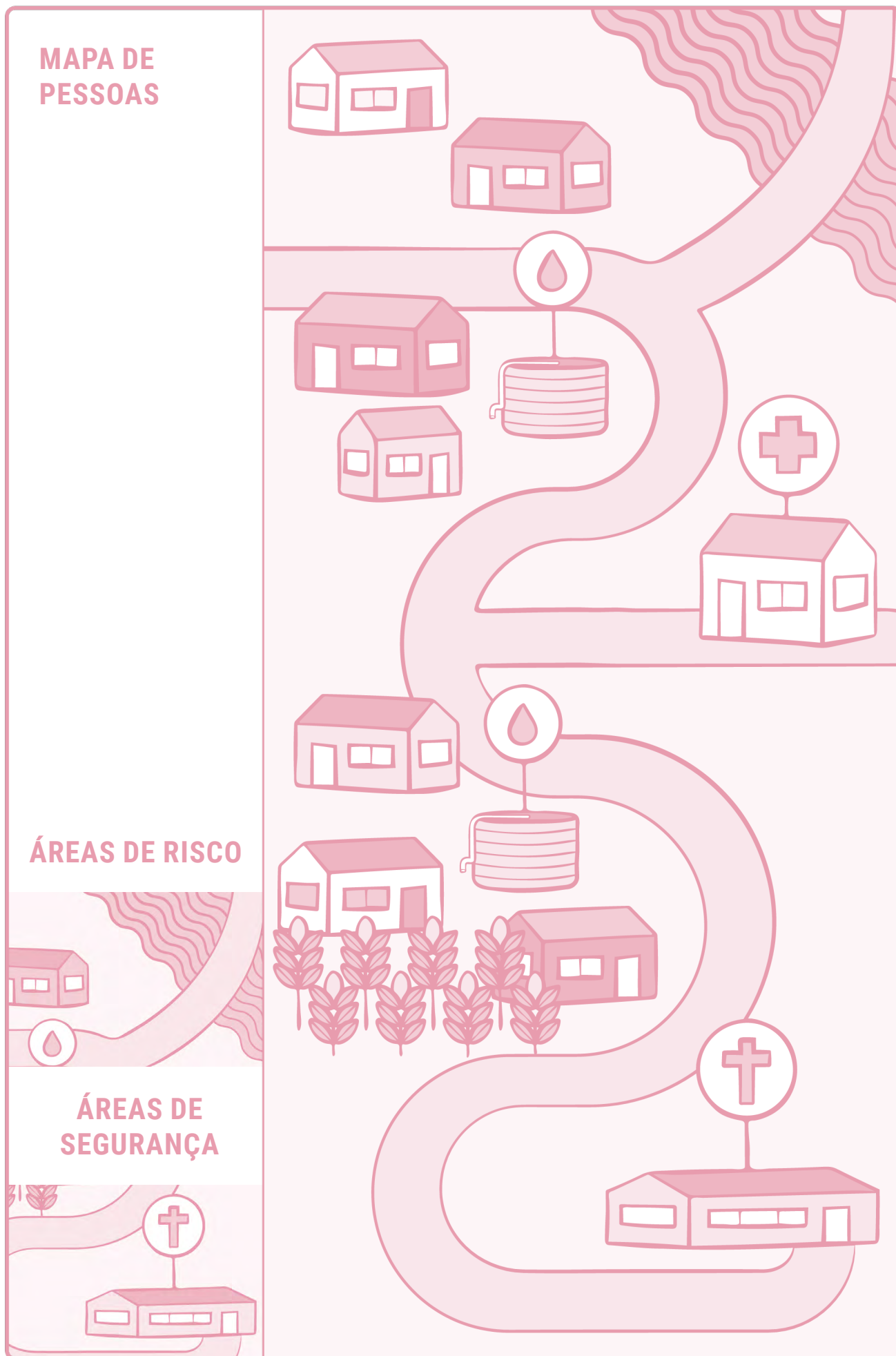
COMO USAR?

Exercício 1 | Mapa de Pessoas

Este exercício facilitará a comunicação e incentivará o debate sobre questões importantes na comunidade. Um mapa de pessoas permite que todos vejam as principais características da região e onde pode haver problemas no caso de um desastre.

- 1 Certifique-se de que os homens e mulheres que conhecem bem a área, estejam dispostos a partilhar suas experiências ao vir à reunião. Se tiver pessoas novas ou crianças pequenas, você não vai obter as informações que precisa.
- 2 Escolha uma superfície adequada para trabalhar no (chão, chão, papel) e meios (paus, pedras, sementes, lápis, giz) para fazer o mapa.
- 3 Ajude as pessoas a começar, mas deixe-as desenhar no mapa. Primeiro, o mapa deve mostrar as casas, campos, estradas, rios e outros usos da terra. Em seguida, deverá indicar, o risco, elementos de risco, áreas de segurança, recursos, etc.

Continua na próxima página

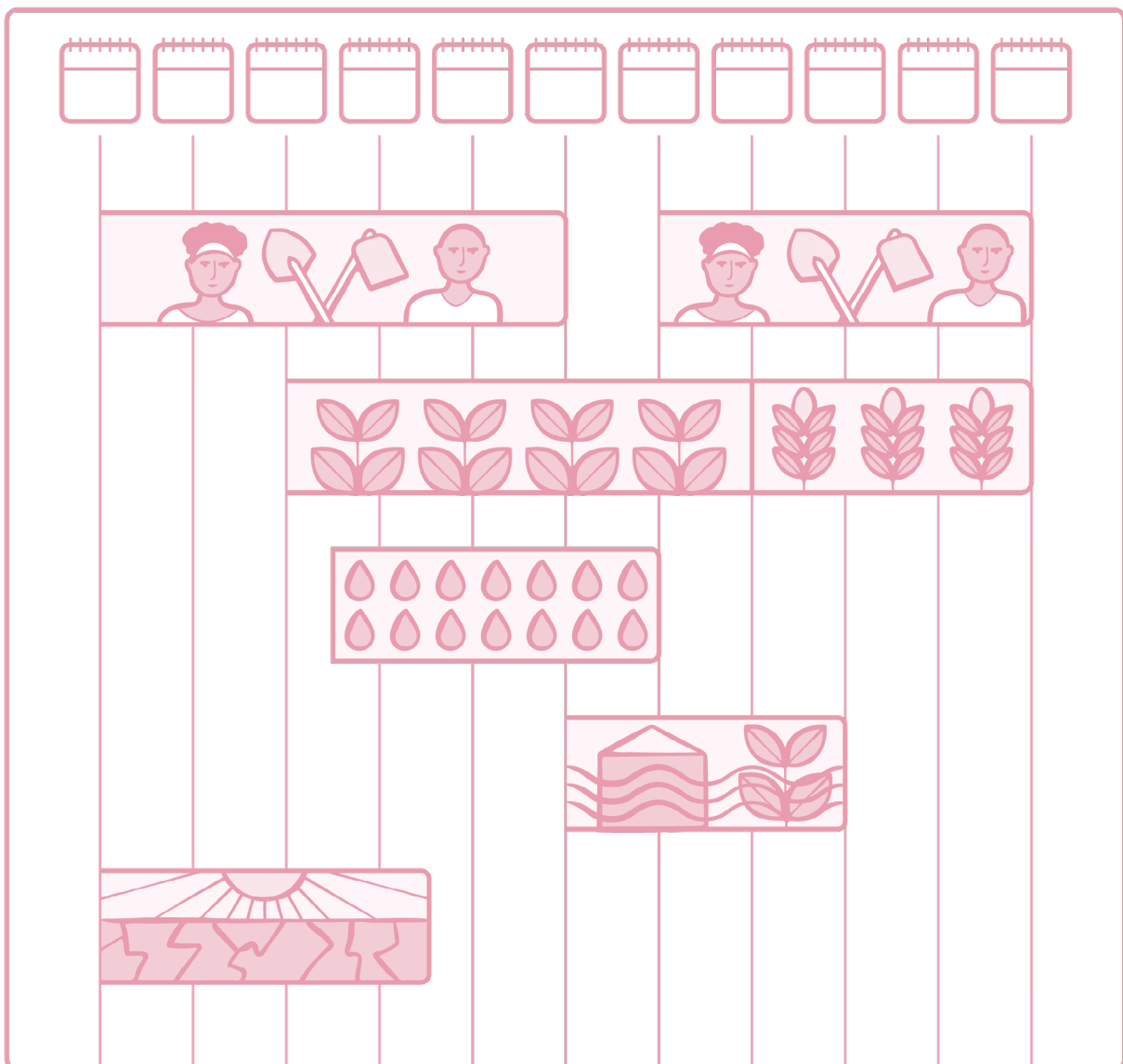


Continua na próxima página

Exercício 2 | Calendário Sazonal

Este exercício revela eventos diferentes, experiências, atividades e condições que ocorrem durante o ano, e identifica períodos de estresse e riscos, ilustrando quando as atividades e os eventos estão em maior risco, assim como as estações “seguras” do ano.

- 1 Use o ‘quadro negro’ ou cartolina. Marque os meses no calendário local do ano no eixo horizontal. Pergunte às pessoas para listar as fontes de subsistência, eventos, condições, etc., e organize isso ao longo do eixo vertical.
- 2 Pergunte às pessoas para enumerar todos o trabalho que fazem (por exemplo, arar, plantar, capinar, etc.) e marcar os meses, a duração, o gênero e a idade para cada fonte de subsistência/renda.
- 3 Fale sobre como os diferentes desastres afetam a comunidade. Olhe para o calendário e diga coisas como: “No geral, vocês plantam em junho, mas, logo ocorrem fortes chuvas nesse mês? - Que impacto tem isso na sua capacidade de arar e ser capaz de se sustentar” dessa forma, você está ligado aos diferentes aspectos desse calendário: como é que os desastres afetam as fontes de subsistência? Quando é mais pesada carga de trabalho? Quem faz o trabalho? Pergunte sobre o consumo de alimentos por temporada, os períodos de escassez de alimentos, emigração, etc.

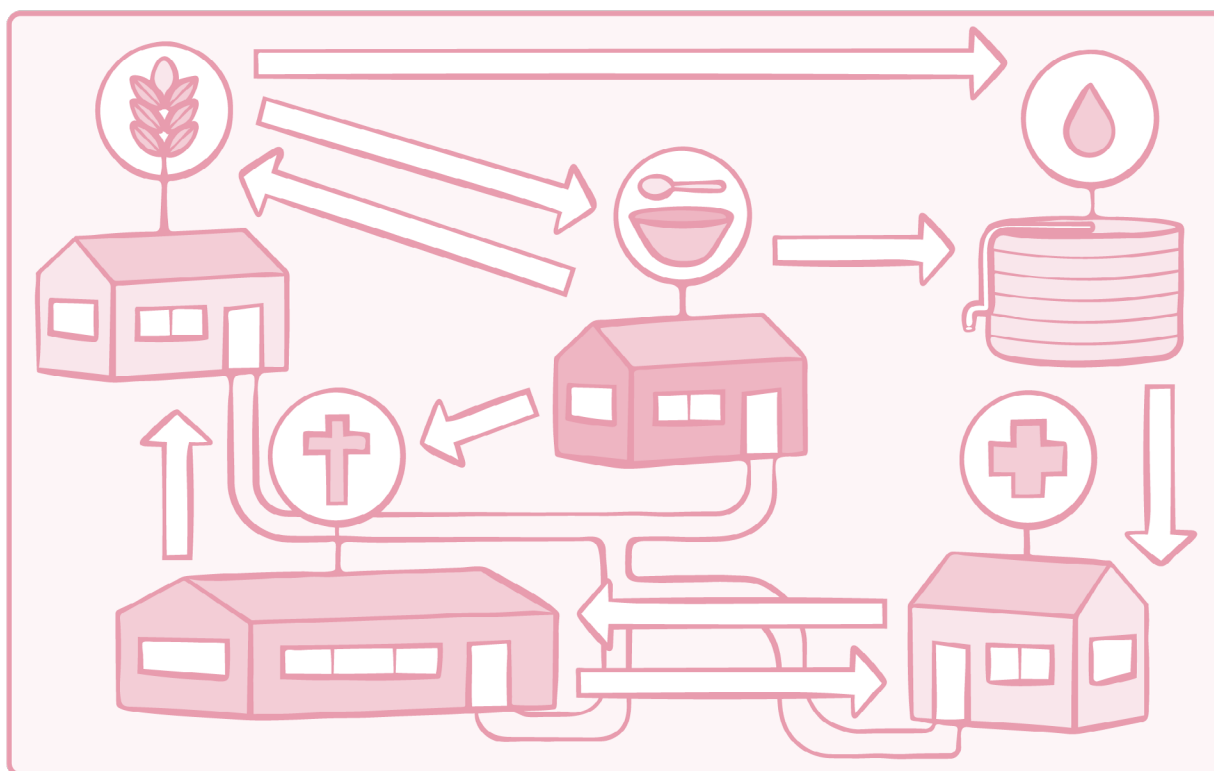


Continua na próxima página

Exercício 3 | Capacidade de mapeamento

Este exercício é útil para expor os recursos locais em que as pessoas confiam em tempos de desastre. Isso permite às comunidades para atuar de acordo com suas capacidades ou fortalezas. Também irá ajudar a identificar as diferenças de gênero no acesso e controle dos recursos.

- 1 Pergunte a um membro da família para desenhar um mapa dos seus recursos/ capacidades nos quais dependem para sua sobrevivência e sustento (materiais/ físicos/sociais organizacionais, espirituais/ capacidades físicas, motivacionais).
- 2 Pergunte a um membro da família como contribuem ou apoiam outras famílias, na comunidade e no meio socioeconômico em geral.
- 3 Peça às pessoas para usar as setas para indicar o fluxo de recursos para cada membro familiar.
- 4 Pergunte ao (s) membro (s) quem utiliza e controla os recursos (por gênero, classe, etnia, idade).
- 5 Faça perguntas para acompanhar a criação dos mapas, e coloque as respostas no mapa.



FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado no China, El Salvador, Myanmar, Filipinas e Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 8: Exercício Amplo de Mapeamento (se estiver operando em níveis mais elevados de capacidade ou se necessita de informações adicionais), p. 5.22

Ferramenta 9: Priorizar as Atividades (para atividades de RRD independentes), p. 5.27

Ferramenta 16: Programação de Resiliência (para a integração nos programas de desenvolvimento), p. 5.46

Ferramenta 17: Resiliência Agrícola, p. 5.48



CENTRAL 2

Avaliação de Resiliência



PADRÃO 3

Avaliação de Resiliência

Ferramenta 8 EXERCÍCIO AMPLO DE MAPEAMENTO

O QUE É ISSO?

Uma série de exercícios de mapeamento adicionais para identificar perigos, vulnerabilidades e capacidades. Além disso, fornece informações mais completa (complementa os exercícios da Ferramenta 7).

POR QUE USÁ-LA?

Exercícios de mapeamento desenvolvem a participação da comunidade e de propriedade do processo. Portanto, esses exercícios adicionais não só ajudam a coletar diferentes tipos de dados para análise da comunidade, mas também criam oportunidades na comunidade para lidar com os riscos e vulnerabilidades de acordo com seus próprios ativos e pontos fortes.

COMO USAR?

Exercício 1 | Perfil Histórico

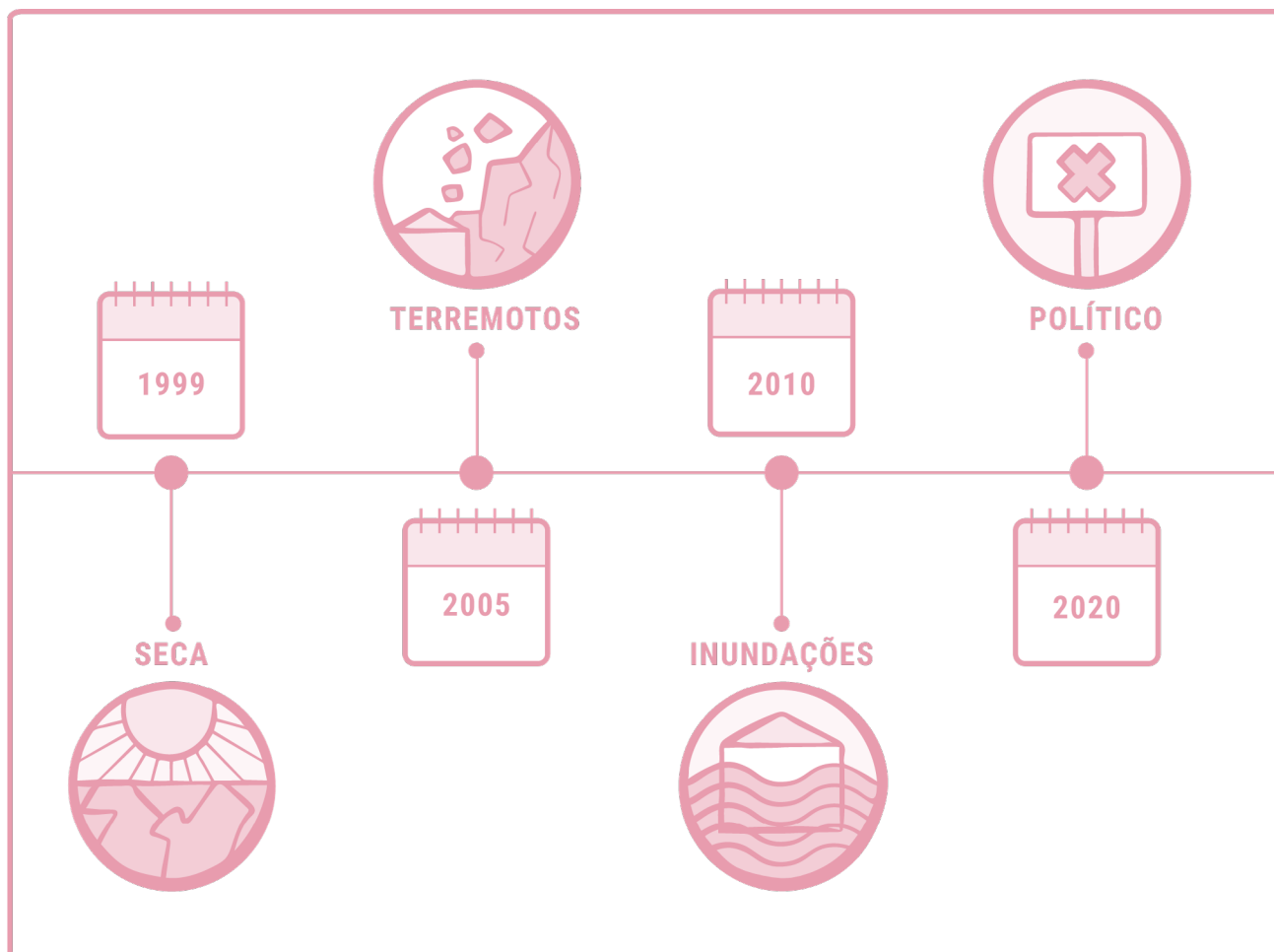
Este exercício é usado para se ter uma ideia sobre os perigos e mudanças nas características do perigo do passado, e para entender a situação atual na comunidade.

- 1 Programe um horário para que os membros da comunidade se reúnam e discutam sobre o que tem acontecido na comunidade. Certifique-se de convidar o máximo de pessoas possível, incluindo aqueles com conhecimento histórico da comunidade e governança local (líderes mais velhos, os professores) e os jovens para que eles possam ouvir a história da sua comunidade.
- 2 Quando começar a reunião, explique que você está recolhendo histórias sobre a história da comunidade, a fim de criar um mapa dos riscos atuais.
- 3 Pergunte às pessoas para se lembrar de qualquer acontecimento de importância que tenha acontecido na comunidade, tais como:
 - Os maiores danos e seus efeitos (inundações, terremotos, secas, ciclones)
 - Mudanças no uso do solo (lavouras, cobertura florestal, etc.)
 - Mudanças na propriedade da terra ou em quem é proprietário de terra
 - Mudanças na segurança alimentar e nutricional
 - Mudanças em serviços sociais (estado de saúde, estabelecimentos de ensino)
 - Mudanças na administração e organização

Continua na próxima página

- Mudanças nos papéis de homens, mulheres, meninos, meninas, idosos, deficientes
- Eventos políticos importantes

- 4 Peça para alguém escrever as histórias no quadro negro ou cartolina em ordem cronológica. Se, por exemplo, ocorreu uma inundação em 2010 e houve uma perda da colheita em 1999 e, em seguida, outra enchente no ano passado, você poderia registrar primeiro o evento de 1999, em seguida, o evento de 2012 e, finalmente, o que acabou de acontecer.
- 5 Peça para as pessoas contarem histórias sobre suas vidas, que têm a ver com os perigos, tais como inundação ou quando a plantação foi toda perdida.
- 6 Peça para as pessoas ou um grupo que comecem com experiências atuais e voltem atrás no tempo. O objetivo de reviver essas histórias, é do encontrar razões/causas que tenham contribuído para que prejudicasse certa experiência. Certifique-se de manter um registro dessas informações.

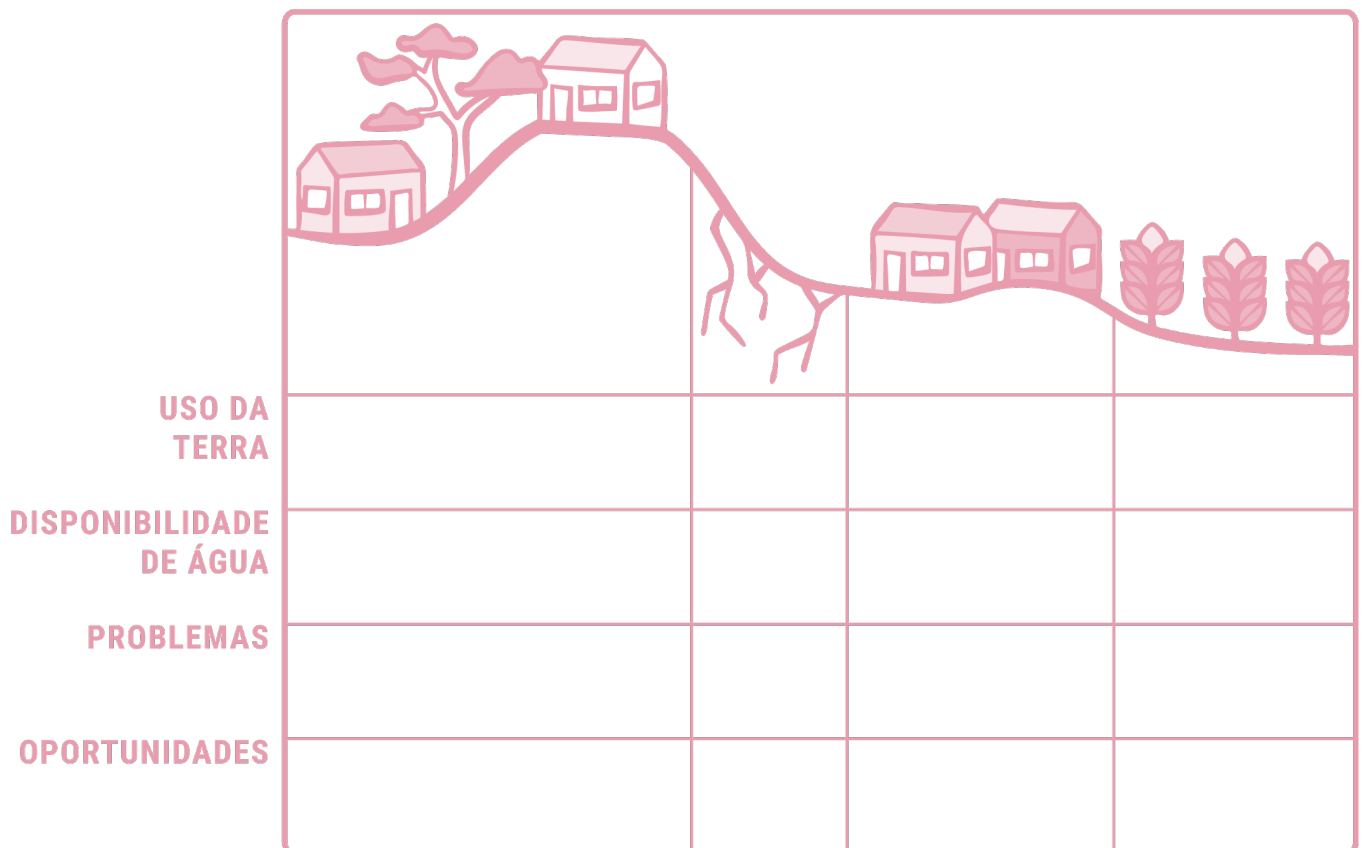


Exercício 2 | Caminhada Segundo um Transecto

Uma caminhada sistemática com aquelas pessoas que têm conhecimento chaves através da comunidade é usado para visualizar a interação entre o ambiente físico e as atividades humanas no espaço e no tempo. Identificar as zonas de perigo, locais de evacuação, zonas de uso da terra, etc.

Continua na próxima página

- 1 Usando um mapa, selecione um caminho que atravesse a comunidade, chamada linha transecto. O transecto é uma linha que atravessa alguma coisa (pode ser mais de uma).
- 2 Com um grupo de seis a dez pessoas que representa a seção transversal, explique que a finalidade do exercício é caminhar através da comunidade e observar os possíveis problemas em caso de desastre.
- 3 Caminhe com o grupo, tendo tempo para as observações e realizações de entrevistas breves e informais com pessoas que você encontra ao longo do caminho em diferentes lugares de trânsito.



Exercício 3 | Análises das Estratégias de Enfretamento

Este exercício é usado para entender as estratégias de subsistência; o comportamento, as decisões e percepções em torno de risco; capacidades e vulnerabilidades das famílias de diferentes origens socioeconômicas.

- 1 Revise o mapa de perigos feito previamente, o calendário sazonal e o mapa de capacidade de Ferramenta 7 e determine os critérios para selecionar membros que pertençam a diferentes grupos socioeconômicos (a amostra não deveria ser ao acaso).
- 2 Decida quantas e quais as famílias, em particular, você vai entrevistar.
- 3 Realize a entrevista (uma hora); apresente-se e informe o motivo da entrevista.

- 4 Comece perguntando a idade e gênero dos membros da família, em seguida faça perguntas sobre meios de subsistência e as estratégias de enfrentamento.
- 5 Desenhe diagramas de blocos ou setores para facilitar as discussões sobre as fontes de subsistência.
- 6 Continue a discussão sobre a forma de afrontamento de como a família lida em momentos de estresse (material, social, espiritual).

Exercício 4 | Canções Folclóricas, Histórias ou Poesias

Este exercício pede às pessoas da comunidade se têm algumas canções tradicionais, histórias, poemas ou provérbios sobre desastres. Essas tradições podem revelar conhecimentos, crenças e práticas nativas.

NOTAS DE CAMPO

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado em Burundi, El Salvador, Filipinas e Sri Lanka

REFERÊNCIAS

Venton P e Hansford R (2006). ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade, Tearfund. Heijmans A e Victoria L (2001). Citizenry-Based & Development-Oriented Respostas a desastres, CDP.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 9: Priorizar as Atividades (para atividades de Resiliência a Desastres independentes), p. 5.27

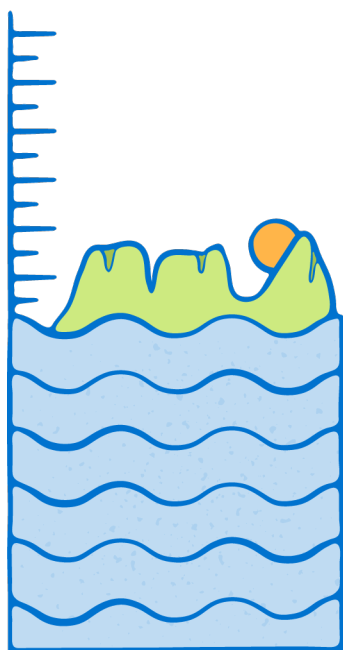
Ferramenta 16: Programação de Resiliência (para a integração nos programas de desenvolvimento), p. 5.46

Ferramenta 17: Resiliência Agrícola, p. 5.48

HISTÓRIAS DE CAMPO



EQUIPANDO OS LÍDERES DA IGREJA EM PAPUA NOVA GUINÉ



Papua Nova Guiné tem enfrentado o aumento do nível do mar e os impactos crescentes das mudanças climáticas nas ilhas que compõem o país. Portanto, usando as ferramentas do Manual “Pastores e Desastres”, os líderes da igreja se reuniram para entender um vocabulário comum e introduzir uma base teológica para a Resiliência em Desastres, aprimorar as abordagens baseadas em recursos e desenvolver uma agência para construção de planos de desenvolvimento de capacidades dentro da liderança. A oficina foi co-facilitada por uma pessoa responsável da Universidade de Papua Nova Guiné. Um dos líderes da igreja comentou que “Muitos de nós, quando confrontados com desastres, rapidamente tendemos a pensar que é o castigo de Deus por nossa desobediência, mas depois de ter passado pela parte teológica do treinamento, agora entendo que Deus criou a terra para cuidarmos, e através de nossas ações irresponsáveis criamos o desastre que enfrentamos hoje.”



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 9 PRIORIZAR AS ATIVIDADES

O QUE É ISSO?

Um processo sistemático de atividades de Resiliência a Desastres, identificadas durante a Avaliação de Resiliência (Ferramentas 7 e 8).

POR QUE USÁ-LA?

A fim de ser mais eficaz para minimizar o risco e aumentar Resiliência a Desastres, é importante dar prioridade às atividades de Construção de Resiliência.

COMO USAR?

- 1 Registre os dados dos exercícios de mapeamento em Ferramentas 7 & 8, e distribua aos membros do Comitê.
- 2 Organize uma reunião com os membros do comitê para analisar os dados de mapeamento.
- 3 Na reunião, use a seguinte linguagem para introduzir o risco como um conceito: "A resiliência é definida como a construção de capacidades existentes para compensar o impacto de riscos e vulnerabilidades." Portanto:
 - Quanto maior capacidade existente, maior a resiliência
 - Quanto mais intensa ou frequente o perigo, menor será a resiliência.
 - Quanto maior vulnerabilidade, menor será a resiliência.

O objetivo de um plano de Redução de Risco de Desastres é diminuir o impacto do perigo, reduzir as vulnerabilidades e aumentar as capacidades, a fim de mitigar e se preparar para os desastres.
- 4 Analise os dados dos exercícios de mapeamento de recursos. Faça essas perguntas ao Comitê para uma discussão em grupo. Documente as respostas.
 - Que capacidade as pessoas têm atualmente para absorver impactos? Considere as estratégias atuais que as pessoas estão usando para lidar com traumas e reduzir os riscos e quais capacidades existem dentro da comunidade (ou seja, individual, coletiva, política, legal, saúde, financeira, educacional, transporte etc.).
 - Quais recursos as pessoas têm acesso que podem ajudar a reduzir o impacto dos desastres?

Continua na próxima página

- Que tipo de recursos eles podem acessar? Elas estão acessando? Por que ou por que não?
- O acesso a esses recursos é seguro, acessível e eficaz?
- Como podemos aumentar a capacidade dentro da comunidade/paróquia?
- Como podemos melhorar o acesso aos recursos que a comunidade identificou?
- Sobre quais dessas áreas temos mais controle? Em qual dessas atividades devemos nos concentrar?

5 Analise os dados dos exercícios de mapeamento da vulnerabilidade. Faça essas perguntas ao comitê para uma discussão de grupo. Documentar as respostas.

- Quem é vulnerável? Considere idade, gênero, características físicas, etnia, tipo de trabalho, a localização da casa/trabalho/escola, atividades, relações familiares, associações, etc.
- O que torna as pessoas vulneráveis? Considere a exposição a riscos, recursos (falta de apoio familiar ou comunitária, financeira, política, educação, terra e da propriedade, etc.)
- Quando as pessoas estão mais vulneráveis? Considere a hora do dia, época do ano, festivais, etc.
- Onde as pessoas estão mais vulneráveis? Considere o local (ex: em casa, no campo, fora do acampamento, depois da escola, na estrada, passando por uma aldeia próxima, nos transportes públicos, no mercado, etc.)
- Como podemos reduzir a vulnerabilidade das pessoas na sua comunidade ou paróquia?

6 Analise os dados dos exercícios de mapeamento de vulnerabilidade. Faça essas perguntas ao Comitê para uma discussão em grupo. Documente as respostas.

- O que torna as pessoas vulneráveis? Considere a exposição a riscos, falta de recursos (apoio familiar ou comunitário, financeiro, político, educação, terra e propriedade etc.)
- Quando as pessoas são mais vulneráveis? Considere a hora do dia, época do ano, festivais etc.
- Onde as pessoas estão mais vulneráveis? Considere a localização (ou seja, em casa, em um campo de deslocados, fora do campo, depois da escola, na estrada, passando por uma vila próxima, no transporte público, no mercado etc.).
- Como podemos reduzir a vulnerabilidade das pessoas em sua comunidade ou paróquia

7 Termine o debate, fazendo as seguintes perguntas como resumo:

- Como podemos aumentar as capacidades dentro da comunidade/paróquia?
- Como podemos diminuir a intensidade ou a frequência dos perigos enfrentados pela comunidade/paróquia?
- Como podemos diminuir a vulnerabilidade das pessoas na comunidade/paróquia?
- Como podemos aumentar as capacidades dentro da comunidade/paróquia?
- Quais dessas áreas (riscos, vulnerabilidades e capacidades) que a comunidade/paróquia têm mais controle? Qual dessas atividades devem ser o foco principal?

8 Um exercício final, é classificar as diversas atividades que foram identificadas.

- Faça um diagrama (gráfico de pizza ou quadriculo) ou configure tigelas que correspondam às vulnerabilidades identificadas na comunidade.
- Dê a cada indivíduo seis sementes (ou pedras ou tampas de garrafas) para cada um atribua segundo prioridade deles.
- Pergunte a cada um individualmente que coloque três sementes em sua

Continua na próxima página

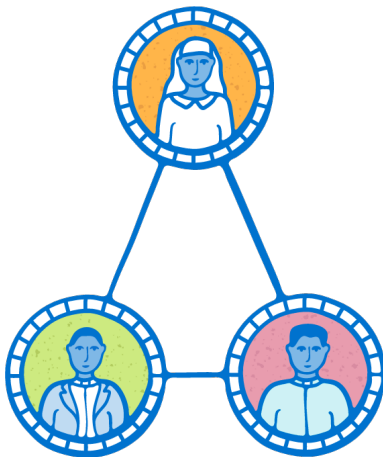
NOTAS DE CAMPO

A large rectangular area with a dotted line border, intended for field notes.

HISTÓRIAS DE CAMPO



COMITÊS DE DESASTRES NO SUDÃO DO SUL



No Sudão do Sul, a igreja tem um mecanismo interdepartamental para equipar a igreja para respostas a desastres, incluindo conflitos civis e outros desastres causados pelos seres humanos. Com uma igreja muito grande, mas com poucos recursos, a igreja enfrentou o desafio de priorizar várias demandas concorrentes. Assim, reuniram a Coordenadora Diocesana de Desenvolvimento, a Coordenadora Diocesana da Mothers' Union e a Secretária Diocesana para formar a liderança dos Comitês de Emergência em cada diocese. A inclusão dessas três líderes diocesanas permite uma melhor triangulação de participantes dentro de suas respectivas redes e a identificação de populações marginalizadas e seu público-alvo. Enquanto as equipes diocesanas têm a responsabilidade da resposta ao desastre, a equipe provincial auxilia na capacitação e coordenação de parceiros externos.



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 10

SISTEMA DE ALERTA PRÉVIO

O QUE É ISSO?

Um Sistema de Alerta Prévio propicia à população aviso prévio de um evento de perigo iminente.

POR QUE USÁ-LA?

Sem sistemas de alerta prévios, há a possibilidade de maiores perdas de vidas, pecuária, propriedades e serviços de infraestrutura. Sistemas de alerta prévio ativam os planos de gestão em desastres a nível residencial, comunitário, paroquial e/ou diocesanos.

COMO USAR?

- 1 Atribua a um dos membros do comitê para que seja responsável pelo sistema de alerta prévio.
- 2 Com o membro do comitê, identifique quais outras instituições estão envolvidas no sistema de alerta prévio, e crie relacionamentos com esses três níveis de autoridade:

Nível Nacional

É importante identificar as instituições chave, como a Agência Nacional de Gestão de Desastres, cujo objetivo é estabelecer a política nacional, ou o Centro Meteorológico Nacional, que irá monitorar o progresso dos diferentes perigos

Nível Regional

É importante identificar se há serviços de agências nacionais ou se o governo regional tem departamentos adicionais para lidar com desastres. Em todo o caso, É importante ter em conta os acordos de cada agência governamental.

Nível Local

É importante também identificar os serviços. Por exemplo, pode haver outros mecanismos adicionais estabelecidos pelo governo local, tais como equipes de busca e salvamento, etc. Neste nível é essencial conhecer os arranjos locais postos em prática para ajudar as populações da comunidade e da paróquia durante um desastre. O comitê pode optar por se aproximar das pessoas chaves e escritórios para obter essas informações, e registrar os dados de contato tanto do membro do comitê, quanto do coordenador dessas redes/listas.

Continua na próxima página

- 3** Com o membro do comitê, ajude a paróquia/comunidade a criar ou melhorar seu próprio sistema de alerta prévio de acordo com o tipo de perigo. Alguns exemplos de atividades sugeridas são:
- 1. Ciclones e furacões:** megafones portáteis ou bandeiras de sinalização são muito utilizados.
 - 2. Inundações:** Pode-se atribuir aos voluntários a tarefa de monitorar os níveis de água nos períodos de chuva forte, e logo, usar sinos ou outros ruídos altos para alertar a comunidade.
 - 3. Enchentes:** o sistema de alerta tem que ser rápido e eficaz (ex: os sinos das igrejas ou alto-falantes das mesquitas) porque a comunidade pode ter apenas minutos para agir.
 - 4. Seca:** as situações se deterioram lentamente, mas muitas áreas propensas à seca têm um sistema de alerta de um departamento governamental ou agência meteorológica. Além disso, os agricultores também têm suas formas tradicionais de interpretar a seca (ex:, interpretar o comportamento dos insetos, as direções do vento ou padrões de floração de árvore).
 - 5. Terremotos:** fontes científicas podem estar disponível, mas normalmente a comunidade pode ter que interpretar os sinais da natureza (ex:, qualquer comportamento incomum do gado, cães ou pássaros).
 - 6. Guerra e conflitos:** os líderes da igreja e os meios de comunicação são fontes de informação.
- 4** Lembre-se de planejar para aqueles que estão marginalizados (por exemplo, trabalhadores imigrantes, pessoas com deficiência) que podem não entender os avisos ou mensagens padrão.
- 5** Propor ao comitê defender, junto com os líderes da igreja ou escrever uma proposta de subvenção, a fim de obter financiamento para a implementação das atividades mencionadas.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado no El Salvador, Burundi e Sri Lanka

REFERÊNCIAS

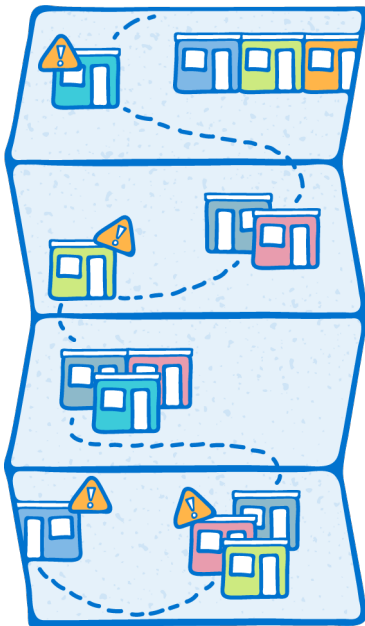
Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 11: Sistema de Comunicação, p. 5.35

HISTÓRIAS DE CAMPO

COLABORAÇÃO COM AS PARTES INTERESSADAS NO BRASIL



Após uma grande enchente em Pernambuco, a igreja construiu em sua rede existente de organizações religiosas para facilitar uma avaliação do impacto das enchentes em uma área florestal remota do Brasil. Eles realizaram entrevistas, tiraram fotos do impacto da enchente e mapearam onde as famílias necessitadas estavam localizadas e quais mantimentos elas precisavam. A igreja compartilhou o relatório de avaliação com as autoridades da Defesa Civil para mobilizar uma resposta financiada pelo governo. Como resultado, o governo forneceu itens de ajuda humanitária para a igreja e outras agências religiosas para distribuir às famílias afetadas. Por vários meses após o desastre, a igreja acompanhou a comunidade na facilitação de um plano de contingência da cidade como uma atividade de preparação para desastres.



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 11

SISTEMA DE COMUNICAÇÃO

O QUE É ISSO?

Um sistema de comunicação usado para informar as partes interessadas sobre avisos ou necessidades urgentes. É um mecanismo para transmitir alertas que podem ter sido identificados através de dispositivos de alerta ou outras fontes de informação.

POR QUE USÁ-LA?

Deve haver algum sistema de comunicação com os líderes da igreja, funcionários do governo e outros, para informá-los sobre as necessidades específicas da comunidade afetada, podendo assim ajudar aqueles que possivelmente estejam isolados.

COMO USAR?

- 1 Faça listas de números de telefones/e-mails com antecedência.
- 2 Configure as listas de distribuição antes de um desastre com informações atualizadas. Quando ocorre um desastre, não há tempo para compilar essas listas, ainda assim fazer com que sua mensagem chegue de forma rápida e eficaz. Inclua contatos para notificar sobre os serviços de socorro, agências governamentais, tais como: a diocese, os parceiros ecumênicos locais, etc. Em seguida, quando for necessário, você pode enviar as informações imediatamente. Utilize e adapte este gráfico simples para atender às suas necessidades.
- 3 Estabeleça uma agenda de telefone, por exemplo, o comitê informará duas pessoas, e cada uma dessas pessoas iria informar duas outras pessoas, etc. Forneça uma cópia da lista a todos os membros. Lembre-se de incluir como você alcançará pessoas sem telefone, grupos marginalizados, como trabalhadores imigrantes.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado no Sri Lanka El Salvador, Índia e Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 12: Centros de evacuação, 5.37

Continua na próxima página

SEÇÃO 5

CARGO	NOME DIREÇÃO	MORADA	TELEFONO PRINCIPAL/ ALTERNATIVO EMAIL
Bispo diocesano			
Coordenador de Resiliência			
1st Membro do Comitê de Desastres			
2nd Membro do Comitê de Desastres			
Sacerdote encarregado			
Guardião da Paróquia			
Tesoureiro/ Contador da Paróquia			
Departamento da Polícia Local			
Departamento de Bombeiro Local			
1st Contato ecumênico			
2nd Contato ecumênico			



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 12

CENTROS DE EVACUAÇÃO

O QUE É ISSO?

Um centro de evacuação comunitário, paroquial ou diocesano que garanta a segurança humana durante a resposta a um desastre.

POR QUE USÁ-LA?

Um local seguro que seja de fácil acesso a todos os membros da comunidade, reduzirá a vulnerabilidade das pessoas afetadas por um desastre. Este local também deve ter instalações básicas para atender às necessidades imediatas de sobrevivência da comunidade.

COMO USAR?

- 1 Identifique um local (ou vários locais) para o centro de evacuação. Em situações em que as pessoas são obrigadas a deixar suas casas, podem precisar usar a casa de um parente ou um edifício temporário. O comitê pode optar em encontrar um edifício (por exemplo, uma escola ou igreja em uma área mais altas, etc.).
- 2 Negocie com a gestão do edifício identificado para saber quão resistente são telhados ou paredes, para resistir a uma situação perigosa.
- 3 Cada pessoa na comunidade/paróquia deve saber desse local e o caminho mais seguro para alcançá-lo.
- 4 O centro deve dispor de meios adequados, incluindo fornecimento de água potável e banheiros separados para homens e mulheres, e deve atender as normas culturais, ter espaço para alimentos secos de emergência e cobertores, além de ter áreas para manter o gado (se for preciso).
- 5 Onde não houver algum prédio adequado, pode-se utilizar terrenos altos abertos. Uma preparação prévia é necessária, tanto para eliminar a vegetação indesejável, quanto para trazer materiais de abrigo temporários, tais como folhas de plástico e varas de bambu. O uso do terreno tem também de ser cuidadosamente planejado, e deve-se tomar as providências para ter água e banheiro.
- 6 Identifique as equipes de liderança dentro do Comitê de Desastres para abordar as atividades direcionadas, tais como as preocupações temáticas: como (saúde, assistência aos idosos, bem-estar infantil, etc.) ou preocupações organizacionais

Continua na próxima página



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 13 SIMULAÇÕES COM A COMUNIDADE

O QUE É ISSO?

Um plano da comunidade, paroquial ou diocesano, que garanta a segurança das pessoas durante o desastre.

POR QUE USÁ-LA?

Sem ensaios e simulações regulares, uma evacuação de emergência pode ser caótica, desgastantes e ineficaz.

COMO USAR?

- 1 Identifique o local ou áreas de evacuações.
- 2 Identifique as equipes líderes dentro do Comitê de Desastres para identificar o caminho mais seguro a partir de várias partes da paróquia/comunidade.
- 3 Cada pessoa na paróquia/comunidade deve saber deste local e o caminho mais seguro para alcançá-lo.
- 4 Educar a comunidade sobre o (s) sinal (ais) de evacuação. Fornecer aos membros da comunidade informações sobre o sistema de alerta precoce para que eles entendam isso.
- 5 Em sociedades onde as mulheres não podem se mover livremente, sem um parente do sexo masculino, viúvas ou mulheres com maridos ausentes podem estar em maior risco e precisam de planos especiais de evacuação.
- 6 As pessoas com necessidades especiais, idosos, doentes ou deficientes mentais terão que ter uma atenção especial, por isso certifique-se em pré-determinar indivíduos para acompanhar essas pessoas que são vulneráveis.
- 7 Porque as pessoas aprendem melhor fazendo as coisas por si próprias, organize simulações de situações de desastre e evacuações práticas em condições de segurança.

Continua na próxima página

NOTAS DE CAMPO

Area for field notes with horizontal dotted lines.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado no El Salvador, China, Moçambique e Sri Lanka

REFERÊNCIAS

Venton P e Hansford R (2006). ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 14: Kits de Preparação para uso doméstico, p. 5.41



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 14

KITS DE PREPARAÇÃO PARA USO DOMESTICO

O QUE É ISSO?

Um Kit de Preparação residencial de ajuda às famílias em criar seu próprio plano de preparação.

POR QUE USÁ-LA?

Em áreas de alto risco, é aconselhável que cada família tenha seu próprio plano do que fazer em caso de emergência e que com cada membro esteja consciente do seu próprio papel.

COMO USAR?

- 1 Organize um treinamento na paróquia/comunidade para compartilhar a seguinte lista de ações.
- 2 Distribua a lista de ações e mencione que as famílias podem adicionar mais linhas para os familiares e gado.
- 3 Capacite a comunidade sobre a importância de um plano de emergência, citando cada item da lista de ações.
- 4 Mantenha o “uma bolsa de emergência” em um local seguro e conveniente.
- 5 Assegure-se de que todos os membros da família saibam dos sinais de alerta e as rotas de evacuação.
- 6 Estabeleça um local de encontro para as famílias, caso os membros da família se separem. Proporcione treinamento especial às crianças e aos membros mais vulneráveis da família.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvido e testado em Burundi, El Salvador e Sri Lanka

REFERÊNCIAS

Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 15: Gestão de voluntários, p. 5.41

Continua na próxima página

ITENS PARA O KIT DE PREPARAÇÃO PARA USO DOMESTICO

FAÇA UMA LISTA DE TODOS OS MEMBROS DA SUA CASA

Todos os membros da família estão salvos e seguros? Indique com uma marca de verificação (P)

FAÇA UMA LISTA DE TODO O GADO

O gado está a salvo e seguro? Indique com uma marca de verificação (P)

ALIMENTOS DO KIT DE EMERGÊNCIA

Listar todos os itens essenciais

Dinheiro:

Utensílios de cozinha

Documentos:

Comida seca:

Ferramentas de subsistência:

Prescrições médicas

Jóias

Sementes:

Peças de roupa

Produtos higiênicos

Lanterna e baterias

Kit de Primeiros Socorros

Rádio e baterias

Cobertores/colchonetes

Apito



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 4

Plano de Gestão de Resiliência

Ferramenta 15

GESTÃO DE VOLUNTÁRIOS

O QUE É ISSO?

Uma lista de verificação para que as paróquias ou comunidades mobilizem e gerenciem voluntários de fora da área, que podem ser necessários em um grande desastre.

POR QUE USÁ-LA?

Em muitas respostas a desastres, a Igreja responde melhor quando usa a sua força para organizar voluntários que sejam membros da Igreja. No entanto, há ocasiões em que algumas comunidades ou paróquias precisam gerenciar grupos externos de voluntários para ajudar com as fases de assistência e recuperação de uma resposta a desastres. Ter um processo formal para gerenciar voluntários tornará uma resposta a desastres melhor sucedida.

COMO USAR?

- 1 Verifique se este tipo de ministério voluntário é compatível com sua paróquia/comunidade.
- 2 Organize um Comitê de Voluntários. Identifique as pessoas de dentro da paróquia que possam se encarregar de trabalhar com os voluntários. O comitê deve ser capaz de responder a perguntas relacionadas com a logística.
- 3 Defina os papéis para os grupos de voluntários – coordenação, compras, distribuição da ajuda, transporte, trabalho pesado, documentação, contabilidade etc. Defina as atividades necessárias.
- 4 Designe um observador/segurança para auxiliar no monitoramento das chaves e do acesso ao edifício.
- 5 Organize o acesso aos banheiros para os grupos de voluntários.
- 6 Organize as refeições para os grupos de voluntários. Se a sua igreja tem uma cozinha ou despensa, os voluntários poderão usá-la? O que você precisa adquirir para a cozinha para que grandes grupos possam cozinhar (panelas, frigideiras, tábuas de corte, sabão etc.)?
- 7 Determine como a propriedade paróquia será compartilhada. Considere se os voluntários compartilharão o espaço com grupos regulares, reuniões ou cultos.

NOTAS DE CAMPO

Area for field notes with horizontal dotted lines.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Mianmar e Sri Lanka

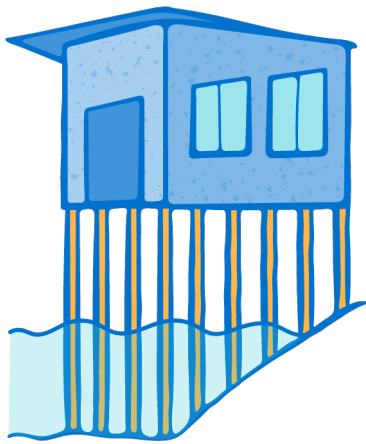
PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 18: Indicadores de Resiliência a Desastres, p. 5.52

HISTÓRIAS DE CAMPO



RECONSTRUÇÃO RESILIENTE EM MIANMAR



O ciclone Nargis devastou a região do delta em Myanmar com tempestades muito fortes, particularmente nas aldeias onde a maioria das casas era feita de paredes de bambu e telhados de palha. Ao embarcar em um projeto de reabilitação, a igreja priorizou materiais de construção mais resistentes para casas sobre palafitas para resistir a tempestades futuras. Além disso, ao reconstruir a igreja local, ela foi construída com telhado de pé-direito duplo com plataforma no nível do teto para servir como centro de evacuação para abrigar temporariamente famílias deslocadas. A plataforma também tem espaço para guardar itens domésticos importantes.



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 5

Integração de Resiliência a Desastres

Ferramenta 16 PROGRAMAÇÃO DE RESILIÊNCIA

O QUE É ISSO?

Recomendações para adicionar atividades de Resiliência a Desastres a programas de desenvolvimento.

POR QUE USÁ-LA?

As atividades de desenvolvimento comunitário em curso – assim como o fato de direcionar as atividades de Resiliência a Desastres para os esforços de desenvolvimento – podem ajudar as comunidades a se tornarem mais resilientes a desastres. Em contrapartida, os benefícios do desenvolvimento podem ser perdidos se o risco de desastres e o câmbio climático não são levados em conta.

COMO USAR?

A seguir estão alguns exemplos por área temática, para ilustrar a adição de atividades para fortalecer a resistência às catástrofes.

1 Água e saneamento

- Construir torneiras e canos mais altos do que os níveis anteriores de inundação
- Monitorar e fazer a manutenção das tubulações que ficam em áreas de deslizamento de terra, para evitar desperdícios
- Limpar bueiros, canais de desvio de inundações e diques, para evitar danos às propriedades e edifícios
- Fornecer fontes de água alternativas para situações de emergência ou proteger contra as enchentes as fontes de água existentes
- Revise as provisões no centro de evacuação e atualize, se necessário

2 Sistemas de saúde

- Avaliar o uso da terra, para garantir a localização adequada dos postos de saúde
- Armazenar medicamentos necessários durante as enchentes sazonais ou outros desastres relacionados com a água
- Realizar treinamentos sobre educação em saúde para tratar doenças relacionadas a desastres
- Realizar treinamentos básicos de primeiros socorros

Continua na próxima página

3 Agricultura

- Plantar tipos de culturas ou variedades de culturas resistentes à seca ou utilizar padrões de plantio alternativos
- Plantar árvores para estabilizar encostas e promover o controle da erosão e a proteção do solo
- Plantar árvores para formar cintos de abrigo ou plantar culturas alternativas que cresçam fora da temporada de vendaval
- Desenvolver métodos ou tecnologia de agricultura que respeitem o meio ambiente
- Plantar culturas vegetais alternativas, realocar culturas e plantar variedades resistentes às inundações ou alterar os padrões de cultivo

4 Educação

- Assegurar que os edifícios públicos (escolas, igrejas e hospitais) sejam resistentes a terremotos
- Melhorar os projetos de casas ou edifícios escolares que serão utilizados como abrigos coletivos
- Construir instalações sanitárias públicas à prova de enchentes
- Treinar as crianças das escolas em rotas de evacuação de desastre e realizar evacuações simuladas

NOTAS DE CAMPO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, El Salvador, China, Moçambique, Mianmar, Sudão do Sul, Ilhas Salomão e Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 18: Indicadores de Resiliência a Desastres, p. 5.52



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 5

Integração de Resiliência a Desastres

Ferramenta 17 RESILIÊNCIA AGRÍCOLA

O QUE É ISSO?

Recomendações para abordar os efeitos dos eventos climáticos na segurança alimentar, adotando atividades de adaptação e mitigação.

POR QUE USÁ-LA?

As consequências dos eventos climáticos adversos e periódicos, incluindo secas e chuvas fortes/inundações - levando a interrupções na produção agrícola, manejo do gado e danos às culturas. Esta ferramenta foi projetada para fornecer ideias para enfrentar esses desafios.

COMO USAR?

Como regra geral, a diversificação das culturas e o manejo de animais ajudarão a mitigar contra os efeitos das condições provocadas por mudanças climáticas. No entanto, a seguir estão alguns exemplos específicos divididos por temas para ilustrar atividades que poderão ser adicionadas para fortalecer a resiliência a possíveis impactos relacionados ao clima.

1 Tempestades / Chuvas Fortes

- Entre em contato com avisos e previsões meteorológicas locais
- Limpe bueiros, faça drenagem dos campos e fortaleça as margens dos rios para evitar a inundação dos campos
- Plante variedades de sementes de plantas com resistência ou tolerância a chuvas fortes
- Garanta o espaçamento adequado ao plantar as culturas para que cada planta tenha mais espaço para desenvolver sistemas radiculares mais fortes
- Garanta que os animais tenham alojamento protegido
- Vacine os animais contra as doenças da estação chuvosa

2 Enchentes

- Entre em contato com os sistemas de alerta antecipado do governo local
- Realize treinamento sobre como lidar com desastres de enchentes
- Entre em contato com redes do governo local para proteção social disponíveis para agricultores, incluindo opções de seguro para ajuda alimentar de emergência
- Fontes de água comunitárias à prova de enchentes ou forneça fontes

Continua na próxima página

alternativas de água para situações de emergência

- Mova grãos e sementes armazenados para um local seguro
- Construa barreiras contra enchentes e fortaleça as margens dos rios para evitar a inundação dos campos
- Plante variedades de sementes resistentes a inundações ou culturas alternativas
- Realoque as plantações ou altere os padrões de cultivo
- Proteja o alojamento dos animais ou realoque os animais para um local seguro

3 Deslizamentos de terra

- Plante árvores na encosta de morro para estabilizar colinas
- Promova o controle da erosão e proteção do solo por meio de árvores, gestão da regeneração natural da terra e uso de culturas de cobertura
- Melhore a retenção de água no solo através do uso de adubo e plantio de árvores
- Cave bueiros para transportar a água da chuva das encostas
- Proteja o alojamento dos animais ou realoque os animais para um local seguro

4 Seca

- Entre em contato com redes do governo local para proteção social disponíveis para agricultores, incluindo opções de seguro para ajuda alimentar de emergência
- Realize treinamento com agricultores sobre como lidar com a seca
- Plante tipos de culturas resistentes à seca ou variedades de culturas, como milho, sorgo, mandioca ou leguminosas tolerantes à seca
- Melhore a retenção de água do solo através do uso de adubo, fertilizantes e rotação de culturas
- Melhore a retenção de água do solo através do aumento da cobertura de árvores através da Regeneração Natural Gerenciada pelo Agricultor e plantio de árvores
- Conduza análises do nível da bacia hidrográfica da comunidade para criar mapas e planos para melhorar a gestão do escoamento em maior escala
- Adote métodos de cultivo de conservação ou utilização de menos água para conservar a água da chuva disponível e aumentar o rendimento
- Aumente a quantidade de resíduos das colheitas deixados nos campos, para reduzir a queima de resíduos e gramíneas e proteger os campos com cercados ou cerca-viva
- Cave covas de plantio no campo para otimizar a coleta de água da chuva
- Desenvolva sistemas de lagoas de retenção de água ou sistemas de reservatórios naturais
- Construa sistemas de irrigação em pequena escala, construa poços artesianos ou aprofunde poços
- Colete água e ração para animais com antecedência quando possível
- Negocie o manejo da pastagem de animais em nível comunitário antes que as condições de seca se desenvolvam e incorpore o plantio de árvores forrageiras sempre que possível
- Escolha raças de animais locais e tolerantes à seca para manejo

NOTAS DE CAMPO

A large rectangular area with a dotted line border, intended for field notes.



CENTRAL 3

Implementação de Resiliência a Desastres



PADRÃO 5

Integrar a Resiliência a Desastres

Ferramenta 18 INDICADORES DE RESILIÊNCIA A DESASTRES

O QUE É ISSO?

Os indicadores medem o progresso em direção às metas.

POR QUE USÁ-LA?

Os indicadores são referências verificáveis que se utilizam para avaliar se o seu programa está no caminho certo para atingir suas metas e objetivos.

COMO USAR?

A Planilha de Avaliação da Capacidade (Seção 4) fornece uma base para medir a mudanças na paróquia/comunidade que está planejando o processo de resiliência a desastres.

A concepção do programa geralmente envolve indicadores tanto de processo quanto de produção para medir as atividades, assim como indicadores de resultados ou consequências para medir a alteração resultante das atividades. Os indicadores de processo podem ser qualitativos (atitudes, opiniões ou comportamento), ao passo que os indicadores de produção são geralmente quantitativos (numéricos). Os indicadores de produção captam as atividades conforme são completadas. Já os indicadores de resultados ou de consequências medem o impacto mais amplo do plano.

Usar indicadores de produção e de resultados garante que a gestão do programa de Resiliência a Desastres seja avaliada, juntamente com a avaliação e se o plano tem o impacto pretendido na paróquia/comunidade.

A curta lista mostrada aqui reflete alguns dos métodos de medição utilizados para verificar vários níveis de redução de riscos de desastres (nível organizacional e nível de paróquia/comunidade). A lista está organizada por objetivos típicos. Estes são apenas indicadores sugeridos. O comitê é estimulado a escolher indicadores com base em conversas com sua comunidade local.

Continua na próxima página

OBJETIVOS	INDICADORES
<p>Objetivo 1 Reforçar a capacidade de Resiliência a Desastres dentro da estrutura da Igreja</p>	Número de pessoas dedicados a atividades de Resiliência a Desastres
	Estabelecimento de um plano de resposta a desastres
	Porcentagem de comitês de desastres funcionais após 24 meses
	Porcentagem de comitês de desastres que respondem de forma eficaz com base em uma avaliação de necessidades
	Descrição de como os recursos da igreja foram mobilizados em uma resposta (qualitativa)
<p>Objetivo 2 Reforçar a capacidade de Resiliência a Desastres dentro da comunidade</p>	Número de líderes comunitários em treinamento de resposta a desastres
	Porcentagem de comunidades após desastres com comitês de desastres
	Porcentagem de comunidades que após desastres implementam atividades de Resiliência a Desastres
	Número de famílias que participam da preparação para desastres e atividades de planejamento
	Porcentagem de domicílios pesquisados com planos de preparação que atendem ao mínimo

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo na China, Moçambique, Ilhas Salomão e Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Planilha de Avaliação de Capacidade (Para reavaliar a capacidade), p. 4.5



CENTRAL 4

Resposta a Desastres



PADRÃO 6

Avaliação das Necessidades

Ferramenta 19

LISTA DE VERIFICAÇÃO

DE AVALIAÇÃO RÁPIDA

O QUE É ISSO?

Lista de Verificação de Avaliação Rápida fornece a base para o desenvolvimento de uma resposta a desastres.

POR QUE USÁ-LA?

Após ter acontecido um desastre, a paróquia pode ser o primeiro grupo de socorro. O comitê vai precisar de uma pequena equipe de pessoas que possam fazer uma avaliação simples das necessidades, habilidades e recursos. Isso vai ajudar o comitê a saber quais são os tipos de ajuda necessárias, assim como a quantidade de bens ou materiais requeridos. Qualquer pedido de ajuda a uma fonte externa vai exigir esta informação. É importante que esta seja coletada com sensibilidade. Os líderes precisam de treinamento para explicar por que é importante fazer pesquisas nos momentos de desastre, em vez de apressar-se com questões de socorro. Precisam entender como isso vai ajudar a comunidade (e sua diversidade interna) a lidar e se recuperar dos desastres de uma forma mais eficaz. É também essencial comunicar à comunidade afetada os parâmetros (atividades, cronograma) da resposta, para que as expectativas sejam realistas.

COMO USAR?

1 Planeje a avaliação

1. Leia as listas de verificação no formulário abaixo e adapte-as, se necessário.
2. Entre em acordo sobre as formas de coleta de informações (entrevistas, discussões em grupo, observações, discussões com outras agências).
3. Monte uma equipe pequena. Deve haver uma mistura de pessoas do sexo masculino e do feminino, além de alguém que possa anotar todos os resultados.

2 Reúna-se com os grupos afetados pelo desastre

1. Tente reunir-se com tantos grupos afetados pelo desastre quanto possível,

Continua na próxima página

incluindo os mais vulneráveis e marginalizados (como mulheres grávidas e lactantes, crianças, pessoas idosas, pessoas deslocadas, trabalhadores imigrantes, minorias étnicas, etc.)

2. Descubra necessidades com relação a alimentos, abrigo, água, saneamento e apoio psicossocial e espiritual. Use o checklist abaixo.

3 Obtenha informações adicionais das autoridades locais

1. Se for o caso, visite autoridades locais e avalie os estoques de socorro do governo disponíveis, assim como os planos de distribuição (alimentos, água, materiais de abrigo).
2. Essas autoridades também devem ter dados de saúde e informações sobre instalações médicas.
3. As autoridades também podem saber quais ONGs e FBOs estão trabalhando em quais áreas e quais recursos estão disponíveis.

4 Planeje uma resposta

1. Usando as informações coletadas, priorize as necessidades de adultos e crianças vulneráveis e comunidades.
2. Como grupo, priorize as necessidades principais.
3. Identifique os recursos disponíveis para atender essas necessidades (da igreja, governo, ONGs).
4. Decida quem será responsável por diferentes partes da resposta.
5. Decida onde e quando começará a resposta e a ordem das diferentes atividades.

NOTAS DE CAMPO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, Ilhas Salomão e Sudão do Sul

REFERÊNCIAS

Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Reducing Risk of Disaster in Our Communities*, Tearfund.

PRÓXIMO PASO

Ferramenta 21: Princípios Centrais, p. 5.64

Continua na próxima página

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE AVALIAÇÃO RÁPIDA

1. Qual o número total estimado de pessoas afetadas por esse desastre?

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------|
| _____ Famílias | _____ Homens adultos |
| _____ Crianças abaixo de 5 anos | _____ Mulheres adultas |
| _____ Meninos (6-14 anos) | _____ Homens idosos (+64) |
| _____ Meninas (6-14 anos) | _____ Mulheres idosos (+64) |
| _____ Homens jovens (18-24 anos) | _____ TOTAL |
| _____ Mulheres jovens (18-24 anos) | |

2. Dos números acima, quem são alguns dos mais vulneráveis?

- _____ Pessoas com deficiência
- _____ Mulheres grávidas e lactantes
- _____ Famílias chefiadas por crianças
- _____ Outros:

3. Existem grupos que estão completamente isolados da assistência?

Ou seja, trabalhadores imigrantes, pessoas sem casa ou pessoas em situação de rua, idosos, pessoas com deficiência, mulheres solteiras, meninas adolescentes, mulheres grávidas ou lactantes, minorias étnicas.

4. Como você escolheu os participantes-alvo que deseja atender? Qual foi o seu critério?

5. Como você trabalhou com este grupo de participantes no passado?

6. Como as pessoas afetadas estão lidando com o desastre?

7. Qual é a disponibilidade de alimentos?

- _____ Existe acesso equitativo de alimentos PARA TODOS?
- _____ Existe um mercado funcional?
- _____ Existe acesso aos mercados PARA TODOS?

Continua na próxima página

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE AVALIAÇÃO RÁPIDA

8. Qual a disponibilidade de necessidades para alívio?

- _____ A que distância fica a água limpa mais próxima?
- _____ Existem limitações para as mulheres terem acesso à água?
- _____ Existem limitação para as crianças terem acesso à água?
- _____ Existem famílias sem abrigo?
- _____ Os suprimentos médicos estão disponíveis?
- _____ Há uma interrupção na educação das crianças?

9. Que recursos podem ser usados neste desastre?

Quais são os recursos sociais/da rede da igreja disponíveis?

Quais são os recursos humanos/individuais da igreja disponíveis?

Quais são os recursos físicos da igreja disponíveis?

Quais são os recursos econômicos da igreja disponíveis?

Quais são os recursos psicossociais da igreja disponíveis?

Quais são os recursos de salvaguarda disponíveis?

10. Como a igreja pode responder?

- _____ Existe um comitê de Desastres?
- _____ As transferências de dinheiro são uma opção viável e possível?
- _____ Há risco de outro desastre no futuro próximo? Ou seja, tremores secundários, inundações, recessão econômica, surto de saúde pública.

Como o desastre afetou os meios de subsistência das mulheres?

Como o desastre afetou os meios de subsistência dos homens?

Que tipo de assistência vem do governo ou de outras fontes?

Como a igreja pode colaborar com outras organizações?



CENTRAL 4

Resposta a Desastres



PADRÃO 6

Avaliação das Necessidades

Ferramenta 20 AVALIAÇÃO RÁPIDA PARA GÊNERO E INCLUSÃO

O QUE É ISSO?

Uma Avaliação Rápida para Gênero e Inclusão Social identifica as necessidades das populações marginalizadas e vulneráveis e garante a inclusão na resposta a desastres.

POR QUE USÁ-LA?

O comitê precisará de uma pequena equipe de pessoas que possa usar essa ferramenta como complemento da Ferramenta 19 para que seja possível uma análise mais intencional das necessidades exclusivas das populações marginalizadas e vulneráveis. Essa ferramenta permite uma compreensão mais precisa das desigualdades socioeconômicas anteriores ao desastre que estão impactando ou agravando a situação atual do desastre. As evidências mostram que considerar as necessidades exclusivas de acordo com gênero, idade e outros dados demográficos promove dignidade e é crucial para uma ajuda eficaz e equitativa e assistência que salva vidas. É importante que isso seja feito com sensibilidade. É esperado que essa ferramenta seja usada rapidamente e ela não precisa ser abrangente, perfeita ou totalmente completa para informar como as necessidades e as respostas podem ser exclusivas e direcionadas.

COMO USAR?

1 Planeje a avaliação

1. Leia as listas de verificação no formulário abaixo e adapte-as, se necessário.
2. Concordem sobre as formas de coleta de informações (entrevistas, discussão em grupo, observações e discussões com outras agências).
3. Mobilize uma equipe previamente designada ou monte uma pequena equipe. Deve haver uma equipe que represente a diversidade, equidade e inclusão da comunidade.

Continua na próxima página

2 Obtenha informações adicionais que possam estar disponíveis com as autoridades locais

1. Encontre dados disponíveis divididos por gênero, idade e outros recursos de identificação
2. Entre em contato com outras organizações que podem fornecer avaliações completas.

3 Colete dados em campo

1. Garanta que mulheres e crianças também sejam consultadas separadamente sobre suas preocupações, riscos de proteção, opiniões e soluções para questões-chave
2. Identifique necessidades específicas de alimentação, abrigo, água, saneamento e apoio emocional. Registre dados para homens e mulheres separadamente.
3. Lembre-se de que esta ferramenta foi projetada para ser rápida e não perfeita. É mais importante coletar dados para analisar e responder rapidamente do que ser totalmente abrangente.

4 Analise os dados

1. Seguindo a ferramenta de dados, revise os dados para identificar a melhor forma de preencher as lacunas
2. Priorize as necessidades das populações marginalizadas e vulneráveis.

5 Escreva um relatório das principais descobertas com os próximos passos

1. Prepare um breve relatório que documente suas principais descobertas e como esses aprendizados afetam as próximas etapas da resposta
2. Projete uma resposta e serviços que atendam às necessidades de todos os afetados pelo desastre

6 Comunique suas descobertas

1. Compartilhe suas descobertas com todos os parceiros e partes interessadas

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, Ilhas Salomão e Sudão do Sul

REFERÊNCIAS

Venton P e Hansford R (2006). ROOTS 9: Reducing Risk of Disaster in Our Communities, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 21: Princípios centrais, p. 5.64

Continua na próxima página

AVALIAÇÃO RÁPIDA PARA GÊNERO E INCLUSÃO

1. Quais desigualdades existiam antes do desastre?

Quais são as condições socioculturais e econômicas para mulheres, jovens, crianças e outros grupos vulneráveis e/ou marginalizados antes da crise?

Quais são as preocupações de proteção para mulheres, jovens, crianças e outros grupos vulneráveis e/ou marginalizados antes da crise?

Quais são algumas desigualdades e discriminação que mulheres, jovens, crianças e outros grupos vulneráveis e/ou marginalizados sofriram antes deste desastre?

2. Impacto da crise em diferentes grupos

Como o desastre mudou as capacidades, necessidades e/ou anseios das mulheres?

Como o desastre mudou as capacidades, necessidades e/ou anseios das crianças e jovens?

Como o desastre mudou as capacidades, necessidades e/ou anseios dos idosos?

Como o desastre mudou as capacidades, necessidades e/ou anseios de outros grupos vulneráveis identificados na Ferramenta 19?

Como as expectativas, papéis e responsabilidades de gênero mudaram após a crise?

3. Proteção e salvaguarda de todos os grupos

Considere riscos como violência/abuso sexual, violência doméstica, viagens dentro da comunidade, viagens fora da comunidade, pressão para se casar, tráfico, falta de acesso a serviços, abrigo perigoso, sexo transacional, trabalho infantil, violência na comunidade

Como os riscos de proteção mudaram desde o início da crise?

Como as preocupações com segurança enfrentadas por mulheres e meninas mudaram desde o início da crise?

Continua na próxima página

AVALIAÇÃO RÁPIDA PARA GÊNERO E INCLUSÃO

Houve aumento de relatos de agressão sexual e/ou outras formas de Violência contra mulheres e meninas (tráfico, violência por parceiro íntimo, casamento forçado) desde o início da crise?

Que fatores podem aumentar o risco de violência nas comunidades alvo?

Quem os membros da comunidade costumam procurar quando são vítimas de violência?

Que estratégias as populações vulneráveis usam para reduzir ou abordar os diferentes riscos para proteção?

4. Acesso equitativo e seguro à assistência desde o início da crise?

Como as decisões são tomadas na área alvo? Quem participa dos espaços de tomada de decisão?

Quem toma as decisões sobre o uso dos recursos?

As necessidades são atendidas de forma equitativa em toda a população-alvo?

Como o acesso aos alimentos difere com base no sexo, idade ou outro grupo demográfico?

Como o acesso aos serviços de saúde difere em função do sexo, idade ou outro grupo demográfico?

Existe acesso equitativo aos serviços de saúde materna?

Existe acesso equitativo aos serviços de saúde infantil?

Existe acesso equitativo à educação de crianças?

Continua na próxima página

AVALIAÇÃO RÁPIDA PARA GÊNERO E INCLUSÃO

Como as opções de subsistência diferem com base no sexo, idade ou outro grupo demográfico?

A distribuição da carga de trabalho domiciliar mudou?

Como a distribuição da carga de trabalho domiciliar impacta os respectivos direitos e oportunidades de diferentes grupos?

5. Quais são os desafios enfrentados por grupos deslocados ou desabrigados?

Segurança pessoal onde vivem

Famílias separadas

Dificuldade na aquisição de documentos

Falta de informação relativa à assistência

Contato com a família

Incapacidade de se movimentar com segurança

Dificuldades com empregos

Assédio

Não tem problemas

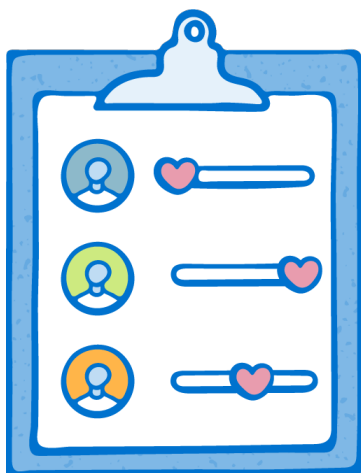
Outros:

Outros:

Outros:

HISTÓRIAS DE CAMPO

SELEÇÃO DE PARTICIPANTES LIDERADA PELA COMUNIDADE NA CHINA



Ao desenvolver uma resposta após o terremoto, a agência da igreja na China propôs aos líderes da aldeia Woyun que as famílias mais desfavorecidas economicamente deveriam ser priorizadas no recebimento de apoio. Os líderes das aldeias, que não eram os mais desfavorecidos economicamente, resistiram à ideia, argumentando que, como todas as casas haviam desmoronado, o financiamento deveria ser dividido igualmente. À medida que a conversa se intensificou, os líderes da aldeia alegaram que a agência da igreja deveria decidir como a doadora dos recursos, mas a agência da igreja não queria tomar uma decisão unilateral. Em vez disso, ao longo de um processo de dois dias de discussões em grupos com todos nas comunidades, os aldeões decidiram coletivamente sobre um critério de participação que fosse transparente, justo e honesto.



CENTRAL 4 Resposta a Desastres



PADRÃO 7 Atividades de Resposta

Ferramenta 21 PRINCÍPIOS CENTRAIS

O QUE É ISSO?

As organizações humanitárias ao redor do mundo chegaram a um acordo sobre e estabeleceram princípios para as atividades de resposta a desastres

POR QUE USÁ-LA?

Esses princípios centrais são concebidos para promover uma resposta que seja imparcial e profissional. Embora as igrejas anglicanas e as agências da igreja possam não ser sempre capazes de alcançar os padrões globais, elas ainda devem se familiarizar com as melhores práticas.

COMO USAR?

A Cruz Vermelha e a Meia-Lua Vermelha, assim como mais de 400 ONGs, compartilham um Código Humanitário de Conduta, que orienta as decisões sobre a forma como os fundos de emergência são usados. O Código de Conduta reflete, basicamente, os valores cristãos de serviço para qualquer pessoa que o precise, independentemente de quem seja ou onde esteja localizada. Não podemos escolher favorecer determinados grupos, por exemplo, os trabalhadores da igreja. Devemos servir os outros sem pedir ou esperar nada em troca. Nossas atitudes devem refletir nossa experiência e conhecimento entre as pessoas afetadas, pois elas trazem as principais contribuições para a resposta a desastres. Isto inclui a não publicação de fotos que mostrem pessoas em situações pouco dignas e sem esperança. Aqueles que recebem assistência devem ser envolvidos na gestão de como a ajuda é distribuída.

É importante estar ciente desses dez princípios:

- 1 O imperativo humanitário vem em primeiro lugar.
- 2 Ofereça apoio, independentemente da raça, credo, religião ou nacionalidade dos destinatários e sem qualquer tipo de discriminação. Calcule as prioridades de ajuda com base apenas nas necessidades.
- 3 Não use a ajuda para favorecer uma determinada posição política ou religiosa.
- 4 Faremos todos os esforços para não agir como instrumentos da política externa do governo.
- 5 Respeitaremos a cultura e os costumes.

Continua na próxima página

- 6 Tentaremos construir as respostas a desastres sobre as capacidades locais.
- 7 Encontre maneiras de envolver os participantes do programa na gestão da ajuda humanitária.
- 8 A ajuda humanitária deve se esforçar para reduzir as vulnerabilidades futuras a desastres, bem como satisfazer as necessidades básicas.
- 9 Colocamo-nos como responsáveis perante aqueles que procuramos ajudar e perante aqueles de quem aceitamos recursos.
- 10 Em nossas atividades de comunicação, publicidade e propaganda, reconheceremos as vítimas de desastres como seres humanos dignos e não como objetos sem esperança.

NOTAS DE CAMPO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Sri Lanka e Sudão do Sul

.....

REFERÊNCIAS

The Sphere Project (2011). The Sphere Handbook.

.....

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 1: Servindo à comunidade geral, p. 5.1

Ferramenta 22: Folhas de dicas temáticas, p. 5.66

RECORDE QUE A BÍBLIA É O NOSSO CÓDIGO DE CONDUTA:

“Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”



CENTRAL 4

Resposta a Desastres



PADRÃO 7

Atividades de Resposta

Ferramenta 22 FOLHAS DE DICAS TEMÁTICAS

O QUE É ISSO?

As organizações humanitárias têm estabelecido padrões mínimos para atividades de resposta a desastres.

POR QUE USÁ-LA?

Os padrões mínimos são as diretrizes gerais que atendem às necessidades mais urgentes da população afetada. Qualquer resposta deve atender a essas necessidades temáticas.

COMO USAR?

O Projeto Esfera é uma iniciativa voluntária que reúne um amplo leque de agências humanitárias em torno de objetivos comuns – melhorar a qualidade da assistência humanitária e a responsabilidade dos agentes humanitários perante seus constituintes, doadores e populações afetadas. O Manual Esfera é um dos conjuntos de princípios comuns e padrões mínimos universais nas áreas de resposta humanitária mais conhecidos e reconhecidos internacionalmente, a ser aplicado para salvar vidas em situações de resposta humanitária. Seus padrões incluem:

1 Resposta humanitária centrada nas pessoas

A capacidade e as estratégias das pessoas para sobreviverem com dignidade são essenciais para a concepção e abordagem de resposta humanitária.

2 Coordenação e colaboração

A resposta humanitária é planejada e executada em coordenação com as autoridades competentes, agências humanitárias e organizações da sociedade civil envolvidas em ação humanitária imparcial, trabalhando em conjunto para obter níveis máximos de eficiência, cobertura e eficácia.

3 Avaliação

As necessidades prioritárias das populações afetadas por desastres são identificadas por meio de uma avaliação sistemática do contexto e dos riscos para a vida, buscando o equilíbrio com a dignidade e a capacidade das pessoas afetadas e das autoridades competentes para responder.

4 Concepção e resposta

A resposta humanitária satisfaz as necessidades avaliadas da população afetada pelo

Continua na próxima página

desastre em relação ao contexto, os riscos enfrentados e a capacidade das pessoas afetadas e do Estado para enfrentar a situação e se recuperar.

5 Desempenho, transparência e aprendizagem

O desempenho das agências humanitárias é continuamente analisado e comunicado às pessoas interessadas. Os projetos são adaptados em resposta ao desempenho.

6 Desempenho do trabalhador de auxílio

As agências humanitárias fornecem gestão, suporte de supervisão e psicossocial adequados, permitindo que os trabalhadores humanitários tenham o conhecimento, habilidades, comportamentos e atitudes para planejar e implementar uma resposta humanitária eficaz e respeitosa.

Nós simplificamos os Padrões Esfera para adequá-los à experiência, compreensão e alcance das igrejas anglicanas e agências da igreja. Os Padrões Esfera não estão sendo substituídos, mas nós criamos três folhas de dicas temáticas simplificadas, que não apenas servem como ferramentas para o contexto anglicano, mas também como um passo inicial em direção à meta de longo prazo de atender os Padrões Esfera de maneira mais abrangente.

NOTAS DE CAMPO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Sri Lanka e Sudão do Sul

REFERÊNCIAS

The Sphere Project (2011). The Sphere Handbook.

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 23: Construindo Resiliência na Resposta e Recuperação de Desastres, p. 5.74

FOLHAS DE DICAS TEMÁTICAS SIMPLIFICADAS, COM BASE NOS PADRÕES ESFERA

1. Padrões mínimos de abastecimento de água, saneamento e promoção da higiene.
2. Padrões mínimos para transferências de dinheiro.
3. Padrões mínimos de segurança alimentar e nutricional.
4. Padrões mínimos de abrigo, assentamento e produtos não alimentares.

FOLHA DE DICAS Nº 1

ÁGUA

Manter a água limpa e manter as pessoas e a comida limpas é muito importante. Caso contrário, as pessoas ficam doentes e os bebês e os idosos podem sofrer e morrer. Nos tempos de desastre, devemos fazer esforços muito grandes para garantir que as pessoas tenham água limpa, além de maneiras delas mesmas se manterem limpas e de manter sua comida limpa. Existem diretrizes a serem seguidas, que a maioria das organizações internacionais acreditam e usam, com relação à água potável, o saneamento e a higiene, também conhecidas como WASH.

Um dos princípios mais importantes que as comunidades internacionais seguem é:

Todas as pessoas tenham acesso equitativo e seguro a uma quantidade suficiente de água para beber, cozinhar e realizar sua higiene pessoal e doméstica. Os pontos de água públicos estão o suficientemente perto das famílias como para permitir a utilização da água conforme os requisitos mínimos. A água é palatável e vem em quantidade suficiente... Sem causar risco para a saúde.¹

- 1 Consulte mulheres e homens separadamente para identificar os horários mais adequados para a distribuição de água.
- 2 As pessoas precisam de 15 litros por pessoa e ao dia para beber, cozinhar e lavar roupa. A fonte de água deve ficar a não mais de 500 metros de qualquer casa. O tempo de espera em uma fonte de água não deve ser superior a 30 minutos.
- 3 Implemente todas as medidas necessárias para minimizar a contaminação da água e realize o tratamento da água, se necessário. Um indicador-chave é que não haja coliformes fecais por 100 ml de água no ponto de entrega e uso.

FOLHA DE DICAS Nº 2

..... **AUXÍLIO FINANCEIRO EM DINHEIRO**

Auxílios financeiros em dinheiro (cartões-presente, vouchers ou transferências em dinheiro) são eficazes quando os mercados são funcionais e fortes. Cada contexto será diferente e as opções de mecanismos de entrega variam com base na infraestrutura, proteção de dados, custo-benefício e inclusão financeira.

- 1 Considere quem deve receber assistência dentro da família, ponderando quaisquer preocupações de proteção.
- 2 Identifique mecanismos seguros, acessíveis e eficazes para prestar assistência com base no contexto, objetivos e tamanho do programa, bem como na alfabetização financeira e preferências dos destinatários.
- 3 Calcule o valor da transferência e a frequência que ela será feita com base nas necessidades a serem cobertas e no custo de atender a essas necessidades.
- 4 Estabeleça sistemas de registo e identificação de destinatários adequados ao mecanismo de entrega e à proteção de dados pessoais.
- 5 Considere o uso de mecanismos de entrega já existentes e familiares para proteção social (vouchers, cartões-presente ou dinheiro)
- 6 Monitore processos, mercados, cadeias de suprimentos, atividades, resultados e riscos relacionados ao auxílio financeiro em dinheiro, incluindo monitoramento após a distribuição.

FOLHA DE DICAS Nº 3

SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Um dos princípios fundamentais que as ONGs internacionais seguem é dar comida de graça quando as pesquisas deixam claro que é necessário fornecer alimentos gratuitamente para as pessoas que mais os necessitam. A doação de comida é interrompida quando as pessoas já se recuperaram o suficiente para produzir ou fornecer sua própria comida. Algumas pessoas – como crianças ou idosos – podem precisar de doações de alimentos por períodos mais longos do que outras pessoas, como os adultos que trabalham.

É importante assegurar que as necessidades nutricionais da população afetada pelo desastre, incluindo as pessoas mais em risco, sejam atendidas e que os itens de alimentos fornecidos sejam adequados e aceitáveis para os beneficiários, de modo que eles possam ser usados de forma eficiente e eficaz pelas famílias.³

Isto significa que a comida deve ser suficiente com relação ao que as pessoas precisam para se manterem saudáveis e que o alimento oferecido deve ser do tipo certo. Por exemplo, enquanto todo mundo pode gostar de beber um refrigerante, como a Coca-Cola, esse tipo de comida não ajuda as pessoas se manterem saudáveis. As ações-chave recomendadas incluem:

- 1 Certifique-se de que a comida é familiar para as pessoas e que elas gostam dela. Certifique-se de que tem valor nutritivo e não faz mal. Esteja ciente de que alimentos que exijam a mistura com água ou longos tempos de cozimento provavelmente devem ser evitados.
- 2 Certifique-se de que há um lugar seguro para armazenar os alimentos e cozinhar. Isto é tanto por razões de saúde quanto para evitar fazer coisas que causem danos ao meio ambiente, tais como cozinhar alimentos por períodos longos usando lenha.
- 3 Nunca deve ser distribuído leite. Isto inclui leite em pó, fórmula, leite líquido ou produtos lácteos, por razões graves de saúde.
- 4 Lembre-se das exigências nutricionais e use-as como uma forma de pensar sobre quais alimentos oferecer às pessoas: 2.100 kcal/pessoa/dia, 10 por cento do total da energia fornecida pela proteína e 17 por cento do total da energia fornecida pela gordura.
- 5 Ao pensar sobre as necessidades alimentares de uma população, lembre-se de considerar os idosos, as pessoas com HIV, pessoas com necessidades especiais e crianças desacompanhadas.

FOLHA DE DICAS Nº 4

ABRIGO

Quando acontecem desastres ou emergências e as pessoas não podem viver em suas casas, muitas organizações fornecem algum tipo de abrigo, que vai durar um pouco ou muito tempo. Há muita coisa a considerar quanto a fornecer abrigos. Abrigos devem manter as pessoas seguras e protegidas, e não devem colocar as mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade ou ser prejudiciais para o meio ambiente. Priorize as famílias chefiadas por mulheres, pois as mulheres chefes de família são mais propensas a estarem em situação de pobreza, viver em condições inadequadas e desempenhar múltiplos papéis dentro da família.

As estratégias de abrigo e assentamento contribuem para a segurança, proteção, saúde e bem-estar das populações afetadas, tanto deslocadas quanto não deslocadas, e promovem a recuperação e a reconstrução, sempre que possível. As pessoas devem ter suficiente espaço coberto, que proporcione conforto térmico, ar fresco e proteção do clima; garanta a privacidade, a segurança e a saúde; e permita os meios de subsistência essenciais das famílias.⁴

As ações-chave recomendadas incluem:

1 Tipos de assistência de abrigo

O primeiro passo é descobrir quais são as necessidades das pessoas. As pessoas podem precisar de coisas como itens pessoais, por exemplo, roupas e roupas de cama, acessórios de cozinha, fogões e combustível. Para situações muito temporárias, os abrigos podem ser tendas ou lonas de plástico (lembre-se de dar às pessoas ferramentas em caso de que sejam usadas folhas de plástico) ou materiais pré-fabricados. Também pode ser dado dinheiro para que as pessoas paguem pelo abrigo, caso essa opção esteja disponível. Se nem todos os materiais são fornecidos, considere o impacto sobre o meio ambiente, caso as pessoas sejam obrigadas a encontrar os materiais faltantes, tais como estacas para segurar as folhas de plástico.

2 Atividades familiares e de subsistência

O abrigo deve ser coberto o suficiente para ter espaço para as seguintes atividades: dormir; lavar; vestir; cuidado de bebês, crianças e idosos; e espaço para posses. Em climas chuvosos ou frios, considere o espaço para cozinhar e comer sob o abrigo. Os abrigos devem fornecer espaços seguros e adequados para que as crianças brinquem, aprendam, socializem e se desenvolvam.

3 Práticas Culturais, segurança e privacidade

Certifique-se de que você está considerando o modo como às famílias se organizam para dormir e cuidar das necessidades pessoais. Certifique-se de que há espaço no abrigo para que as mulheres e outros tenham um lugar privado para se vestir e se lavar.

4 Projeto participativo

É altamente recomendável perguntar às pessoas que vão utilizar os abrigos o que gostariam que tivesse no abrigo, como elas iriam usar o abrigo, o que as faria se sentirem seguras e terem privacidade suficiente. São cometidos erros quando não se pergunta às pessoas que vão utilizar o abrigo por suas ideias e necessidades.

O Projeto Esfera: Alojamento e Assentamento 1 e 3

NOTAS DE CAMPO

NOTAS DE CAMPO

A large rectangular area with a light blue border, containing 25 horizontal dotted lines for writing notes.



CENTRAL 4
Resposta a Desastres



PADRÃO 7
Atividades de Resposta

Ferramenta 23

CONSTRUINDO RESILIÊNCIA NO ALÍVIO E RECUPERAÇÃO DE DESASTRES

O QUE É ISSO?

Diretrizes sobre a inclusão de atividades de resiliência a desastres nas fases de recuperação e reabilitação.

POR QUE USÁ-LA?

Incluir atividades para reduzir o impacto de desastres enquanto você também está trabalhando em esforços de resposta irá ajudar uma comunidade a estar melhor preparada para a próxima catástrofe.

COMO USAR?

Quando estamos envolvidos em atividades de recuperação e reabilitação de longo prazo (como a construção de casas, a criação de sistemas de saúde da aldeia, a reparação das fontes de água etc.), é fundamental que os riscos de desastres dessas atividades sejam analisados e tratados. Algumas diretrizes para este processo incluem:

- 1 Analise a situação**
Explore o papel dos perigos na comunidade e os riscos ligados aos mecanismos de recuperação.
- 2 Defina os objetivos de recuperação de longo prazo**
Determine se e como transformar a gestão dos riscos de desastres em objetivos-chave de longo prazo.
- 3 Priorize a ação pública para a recuperação em longo prazo**
Considere ações que possam reduzir a vulnerabilidade aos riscos na concepção de um plano de recuperação.
- 4 Estabeleça procedimentos de monitorização e avaliação**
Inclua a gestão de resiliência a desastres em metas de longo prazo e indicadores

Continua na próxima página

relevantes. Em particular, levante os impactos das iniciativas relacionadas à população afetada e à vulnerabilidade reduzida, ao invés de perdas reduzidas.

5 **Implemente, avalie e obtenha opinião**

Revise os resultados e deficiências da gestão de resiliência a desastres, incluindo a adequação da análise inicial dos riscos de desastres.

ATIVIDADES DE RESILIÊNCIA A DESASTRES

Alguns exemplos de atividades de Resiliência a Desastres, filtradas por risco, incluem:

1 **Inundações**

- Eleve o armazenamento de comida e água
- Melhore os projetos de casas e os edifícios da igreja comumente usados como abrigos
- Plante árvores, especialmente em encostas e aterros
- Realize treinamentos sobre como melhorar as habilidades de lavoura e de como lidar com inundações
- Desenvolva um calendário de plantio
- Desenvolva infraestrutura para a prevenção de riscos (isto é, barragens, diques, etc.)
- Desenvolver um plano de manutenção para diques e drenos, etc.

2 **Deslizamentos de terra**

- Cave drenos para tempestade para desviar a água da chuva das encostas
- Construa muros baixos ao longo do contorno do aterro
- Evite cortar encostas para construção civil e evite áreas propensas a deslizamentos de terra para a infraestrutura de água e tubulações
- Use materiais à prova de vazamentos, elementos e materiais à prova de água em áreas de deslizamentos de terra

3 **Vendavais**

- Use métodos aperfeiçoados de construção de casas, telhados e janelas
- Plante árvores para formar cintos de abrigo ou culturas que cresçam fora da temporada de vendavais
- Cave e limpe regularmente os bueiros
- Construa uma infraestrutura hídrica segura com relação a tufões/ventos (tubulações, reservatórios, poços, latrinas)

4 **Terremotos**

- Construa novas casas de acordo com projetos antissísmicos; use materiais de cobertura leves
- Reforce edifícios existentes para dar força extra

Continua na próxima página

- Evite construir em encostas ou em áreas propensas a deslizamentos de terra
- Forneça tecnologia de cultivo resistente a terremotos. Por exemplo, sistemas de drenagem antissísmicos e métodos de terra armada para encostas e muros de contenção
- Construa instalações de armazenamento e abrigos para gado resistentes a terremotos

5 Seca

- Construa sistemas de irrigação de pequena escala com bombas de pé ou de tração animal
- Plante tipos de culturas ou variedades de culturas resistentes à seca ou empregue padrões alternativos
- Desenvolva sistemas de lagoas para retenção de água
- Melhore as técnicas de uso da terra para a agricultura e a pecuária
- Desenvolva sistemas de reservatórios naturais

6 Conflito

- Mantenha uma Igreja imparcial e seja visível nos esforços de defesa de direitos e consolidação da paz
- Desenvolva relações com lojas e empresas para garantir múltiplas rotas de abastecimento
- Treine comitês de paz e reconciliação em áreas específicas

NOTAS DE CAMPO

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Filipinas e Sri Lanka

REFERÊNCIAS

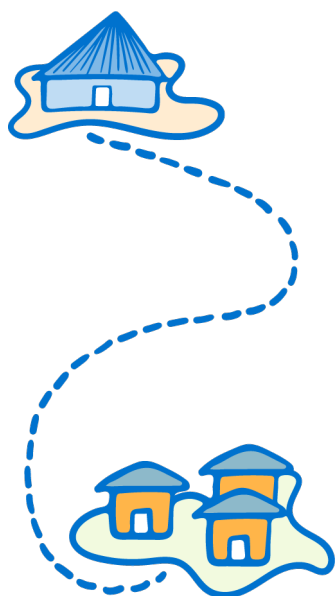
Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Reducing Risk of Disaster in Our Communities*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO

Planilha de Avaliação de Capacidade (Para reavaliar a capacidade), p. 4.5

HISTÓRIAS DE CAMPO

MIGRAÇÃO CLIMÁTICA NAS ILHAS SALOMÃO



Durante um período de 15 anos, as ilhas remotas de Ontong Java sofreram com o aumento do nível do mar. Em uma avaliação comunitária facilitada pela igreja, a comunidade expressou seu desejo de explorar terras alternativas para realocação e buscou a ajuda da igreja para esse esforço. A igreja, usando suas conexões em nível nacional, facilitou uma série de conversas entre líderes comunitários e autoridades governamentais. Após um processo de vários anos, o governo alocou algumas terras na capital (Honiara) para os moradores de Ontong Java migrarem, em caso de serem deslocados por questões relacionadas ao clima. A igreja ajudou a complementar esse esforço mobilizando várias organizações da sociedade civil para ajudar na distribuição de materiais de construção e utensílios domésticos.



CENTRAL 4
Resposta a Desastres



PADRÃO 8
Cuidado do Pessoal

Ferramenta 24

POLÍTICA DE CUIDADOS DA EQUIPE

O QUE É ISSO?

Uma lista de verificação para estabelecer uma política endossada para cuidar da equipe e sacerdotes envolvidos no trabalho de resposta a desastres.

POR QUE USÁ-LA?

Para compartilhar o fardo de coordenar, facilitar e implementar uma resposta, é importante certificar-se de que há apoio e recursos suficientes para o clero e a equipe encarregados de tal responsabilidade.

COMO USAR?

Depois de grandes desastres, o papel da igreja no sentido de facilitar uma resposta e servir a comunidade pode ser longo e desafiador. De imediato procura-se atender as necessidades imediatas de água e alimentos, ajudando com roupas e abrigo, ajudando as pessoas a lutarem com perguntas sobre por que ocorrem tais eventos ou apoiando a recuperação emocional e espiritual a longo prazo, tal assistência não vem sem um preço. Nesses contextos, o clero e a equipe, podem sentir um grande esgotamento nessas áreas após grandes desastres. O clero e a equipe percebem o serviço ao necessitado como sua vocação, mas, muitas vezes, assumem o papel de “Super-homem ou Super-mulher”, sobrecarregando a si mesmos fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. O resultado varia de exaustão a fadiga ou perda de fé pessoal – prejudicando sua capacidade de continuar apoiando pessoas afetadas ou suas congregações – a conflitos com suas congregações, problemas conjugais ou familiares, abuso de substâncias e até mesmo em casos extremos suicídio. Sua capacidade de continuar apoiando as vítimas do desastre ou suas congregações pode ser prejudicada.

O checklist a seguir fornece diretrizes para o estabelecimento de uma política de cuidado com a equipe.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em: El Salvador, Ilhas Salomão e Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 24: Reconhecer e gerenciar o estresse, p. 5.78

Continua na próxima página

LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA POLÍTICA DE CUIDADOS COM A EQUIPE

- Reúna-se com o seu bispo ou arcebispo para oferecer algum subsídio sobre a necessidade de uma política.
- Certifique-se de que sejam formados comitês de socorro após um desastre, para compartilhar as responsabilidades.
- Separe horários regulares para se reunir com a equipe e voluntários dedicados, para priorizar e delegar tarefas.
- Arranje tempo sabático (descanso): diária, semanal, mensal e anualmente.
- Certifique-se de que os sacerdotes e a equipe priorizem sua própria saúde e também as relações sociais pessoais para manter um equilíbrio.
- Identifique a pessoa ou pessoas dos recursos humanos da igreja para fornecer aconselhamento pastoral (padres aposentados, bispos ou líderes leigos).
- Identifique os recursos profissionais para aconselhamento psicossocial e estabeleça um orçamento.
- Desenvolva ou identifique recursos teológicos para aconselhamento pastoral e espiritual.
- Estabeleça diretrizes para “verificações” regulares, com sacerdotes e funcionários, com um conselheiro espiritual.
- Estabeleça diretrizes sobre oportunidades regulares para que sacerdotes e funcionários tenham acesso à terapia pastoral ou profissional.
- Estabeleça outros canais para o clero e a equipe abordarem quaisquer impactos de ser uma família anfitriã.
- Estabeleça equipes de oração – para que o clero e a equipe possam conversar com os colegas. Quando as pessoas não comparecem a essas reuniões informais, é um gatilho de que algo está errado e identificar a necessidade de acompanhamento com esse colega.
- Em contextos mais complexos, incluindo guerra, violência política ou insegurança, considere:
 - Treinamento para todos os funcionários sobre segurança pessoal, incluindo considerações especiais para mulheres.
 - Horário de trabalho alterado para os funcionários, para que as viagens de/para casa sejam durante o dia.
 - Contratar pessoal ad hoc adicional para compensar as horas de trabalho limitadas e/ou para funcionários que saem sem aviso

Continua na próxima página

prévio ou não podem trabalhar em determinados dias.

- Limitar a necessidade de visitas de campo, opte por check-ins diários com pessoal localizado.
- Manter todos os laptops e outros recursos no escritório para segurança e evite a responsabilidade de deslocamento.
- Sistema de “amigos” durante a semana de manhã - para que a equipe possa verificar suas rotas para trabalhar com outras pessoas que possam ter mais informações sobre a segurança dessa rota.
- Estabelecer uma rede de árvore telefônica para notificação de emergência (confirme se a equipe possui telefones celulares) e considere sistemas de comunicação alternativos caso as redes móveis não sejam confiáveis durante situações de emergência.
- Fortalecer fisicamente os portões e portas para escritórios e complexos.
- Estabelecer diretrizes para o clero deslocado sobre a criação de novas congregações.
- Estabelecer diretrizes para as congregações deslocadas estabelecerem comitês de desastres.

NOTAS DE CAMPO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

NOTAS DE CAMPO

A large rectangular area with a light blue border, containing 25 horizontal dotted lines for writing notes.



CENTRAL 4

Resposta a Desastres



PADRÃO 8

Cuidado do Pessoal

Ferramenta 25

PLANO DE CONTINGÊNCIA INSTITUCIONAL

O QUE É ISSO?

Um plano de contingência garante a continuidade dos ministérios e responsabilidades críticas de uma igreja.

POR QUE USÁ-LA?

Em situações de desastre em que a própria infraestrutura da igreja é fortemente impactada, com funcionários deslocados ou espaços de escritório inacessíveis, um plano de contingência permite que as principais funções continuem a operar.

COMO USAR?

1. Envolve o Comitê de Resiliência a Desastres formado na Ferramenta 4 para discutir as seguintes ideias:
 1. Reconhecer e afirmar a presença permanente e estável da igreja, necessitando assim de uma estratégia para operações sustentadas limitadas, mas críticas, garantindo a segurança do pessoal
 2. Se os funcionários tiverem horários de trabalho limitados ou forem deslocados, explore a necessidade de contratar funcionários ad hoc adicionais. Preparar descrições de cargos com pacotes de remuneração e deixá-los prontos para uso
 3. Se as comunicações por e-mail fizerem parte de uma rede interna, explore a acessibilidade remota
 4. Desenvolver um e-mail pré-preparado ou mensagem de ausência temporária para transmitir que as operações do oficial não serão normais por algum tempo devido à situação de emergência
 5. Prepare-se para a proteção de ativos e documentos - faça backup de arquivos (armazenados na nuvem ou enviados para associados confiáveis em outras regiões ou países) e armazene documentos importantes em um cofre seguro
 6. Use a Ferramenta 11 para desenvolver uma árvore telefônica para notificação de emergência e compartilhamento de emergência
 7. Use as Ferramentas 12 e 13 para desenvolver um plano de evacuação para o escritório/instituição da igreja
 8. Construir vínculos com embaixadas locais, Cruz Vermelha/Crescente e ONGs onde o apoio pode ser obtido, ciente de que as provisões normalmente disponíveis podem subir de preço ou ser difíceis de obter devido à situação de

emergência e possível fixação de preços

9. Seja sensível a diferentes abordagens e respeite as necessidades do pessoal/clero. Por exemplo:
 - Alguns funcionários e clérigos podem apenas querer ser deslocados com suas congregações e não gostariam de sair sozinhos, mesmo que uma oportunidade se apresente
 - Alguns clérigos e funcionários podem priorizar a segurança própria/familiar sobre as necessidades profissionais ou congregacionais.
 - Fornecer diretrizes para o clero que está se movendo com os deslocados na criação de novas congregações para continuar ministérios vitais e outros ministérios
 - Fornecer diretrizes para membros da igreja, funcionários e clérigos deslocados sobre a criação de um comitê de desastre quando as estruturas normais não estiverem lá para montá-lo.
 10. Fazer conexões com dioceses vizinhas ou igrejas anglicanas no exterior para hospedar temporariamente uma presença de escritório potencialmente deslocada. Isso incluiria:
 - Identificar um oficial de ligação para comunicação regular e construção de relacionamento
 - Disponibilização de um espaço de trabalho para 1-2 pessoas, incluindo ligação à Internet
 - Fornecimento de telefone fixo (ou móvel) com serviço pré-estabelecido
 - Fornecimento de armazenamento de arquivos adequado para a salvaguarda de documentos importantes da igreja
 - Estabelecimento de uma conta bancária separada, se necessário
 - Determinar um orçamento, conforme necessário, para o acima. Isso também pode ser um acordo recíproco como parte do planejamento de desastres mutuamente compartilhado e ministério de serviço
 - Determinar procedimentos para manter contato com a estrutura provincial/diocesana para compartilhar informações e relatórios
- 2 Desenvolver um fundo de emergência dedicado designado para salários de funcionários e clérigos para uso em caso de deslocamento de longo prazo, uma vez que a renda congregacional das populações deslocadas pode ser insuficiente
 - 3 Cada membro do Comitê pode ser encarregado de uma área de responsabilidade
 - 4 Avalie regularmente o plano para fazer mudanças/melhorias conforme necessário

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em: Burundi

PRÓXIMO PASSO

Ferramenta 1 e 2: Facilitando Workshops de Resiliência a Desastres, p. 5.1, p. 5.3

Ferramenta 6: Descrição do cargo de Coordenador de Resiliência a Desastres, p. 5.16



CENTRAL 4

Resposta a Desastres



PADRÃO 8

Cuidado do Pessoal

Ferramenta 26

RECONHECER E GERENCIAR O ESTRESSE

O QUE É ISSO?

Um exercício para reconhecer o estresse em nós mesmos e em nossos colegas de trabalho e para cultivar habilidades e mecanismos de enfrentamento para gerenciar o estresse.

POR QUE USÁ-LA?

O estresse causado por desastres torna a vida das pessoas ainda mais desafiadora do que já era. O estresse nos afeta fisicamente, emocionalmente e socialmente, o que torna difícil nos concentrarmos nas coisas que precisamos fazer. Enquanto muitas vezes somos surpreendidos com a adaptabilidade e resiliência das pessoas e trabalhadores humanitários que estão respondendo a desastres, todo mundo precisa de ajuda extra para gerenciar o estresse em tempos de desastre.

É útil para os planejadores em nível diocesano/central reconhecer o acúmulo de estresse e tensão, e introduzir o cuidado da equipe e de si mesmos em seu planejamento. É igualmente importante para os trabalhadores de assistência e voluntários se sentirem 'apreciados,' 'reconhecidos' e 'elogiados' pela sua dedicação e trabalho duro, assim como receber o reconhecimento devido.

COMO USAR?

Siga estes passos para identificar sinais de estresse em si mesmo ou nos outros e identificar técnicas específicas que possam ajudar na gestão do estresse. Este exercício pode ser feito em um grupo, como o Comitê de Desastres.

1. O que é o estresse?

Explique: Alguns especialistas dizem que o estresse é o equilíbrio entre o que você tem que fazer e os recursos que você tem para fazê-lo. Podemos experimentar o estresse quando sentimos que não temos suficiente tempo, dinheiro, energia, ideias, pessoas ou apoio para fazer as coisas que precisam ser feitas. O estresse também

Continua na próxima página

pode ser descrito como uma resposta física normal a eventos que se sentem como ameaçadores ou que perturbam o equilíbrio normal das coisas de alguma forma.

2. Quais são algumas das coisas que você vê ou nota quando você ou alguém está estressado?

Explique: Não é vergonhoso se sentir estressado. Especialmente em momentos de emergência, vamos estar estressados e podemos nos ajudar uns aos outros. O estresse nos afeta em muitos níveis: Físico, Emocional, Racional (processos de pensamento), Comportamental e Espiritual. Revise a lista que você fez e identifique quais estão representados na lista.

Exemplos: Ser impaciente; irritar-se facilmente; ser incapaz de dormir; dormir demais; beber muito; retirar-se de relações significativas; pessimismo, etc.

3. Quais são algumas ideias sobre a melhor forma de gerenciar o estresse ou de ajudar alguém a atravessar um período de estresse?

Explique: Não há nada de vergonhoso ou negativo para qualquer um de nós em acharmos que estamos estressados. Especialmente em momentos de emergência, vamos estar estressados e podemos nos ajudar uns aos outros. Identifique, com o grupo, algumas ideias para gerenciar o estresse.

Exemplos: Fale com um amigo/pastor/supervisor e compartilhe sentimentos e orem juntos; tenha tempo livre para recreação física (ou seja, futebol, voleibol, críquete ou qualquer outro exercício); ouça música suave; pratique técnicas de relaxamento (ou seja, ioga, meditação e exercícios de respiração; participe de caminhadas para lugares suaves e calmos (ex.: praia, caminhos de montanha)).

2 Peça ao grupo que faça uma lista das causas e sintomas de estresse. Escreva todas as respostas em um papel grande. Veja a página a seguir para exemplos de causas e sintomas de estresse. Peça a voluntários que compartilhem um exemplo de como usaram uma ferramenta de enfrentamento ou identifique onde eles poderiam usar uma técnica em seu contexto atual.

3 Conclua a atividade pedindo a cada um que compartilhe uma coisa que pode fazer para reduzir seu estresse e uma coisa que pode fazer para ajudar alguém a administrar seu estresse. Você também pode identificar como o grupo pode trabalhar em conjunto sobre as estratégias de redução do estresse. Veja a página 5.79 para exemplos de coisas que você pode fazer para gerenciar o estresse.

FERRAMENTAS HISTÓRICAS

Desenvolvida e testada em campo em El Salvador e Sri Lanka

Continua na próxima página

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados lida com altos níveis de estresse a cada dia e isto é o que eles dizem:

"Identifique e dê apoio aos membros das equipes vulneráveis, que de repente podem mostrar múltiplos sinais de estresse. Esteja preparado para fornecer assistência imediata na forma de uma ruptura com o apoio imediato, um breve descanso e alívio, uma chance de falar sobre o que está incomodando a pessoa."

CAUSAS E SINTOMAS DO ESTRESSE

REAÇÕES FÍSICAS	Fadiga estendida, queixas físicas, dores de cabeça, distúrbios do sono, alterações do apetite
REAÇÕES EMOCIONAIS	Ansiedade, sentir-se alienado dos outros, desejo de estar sozinho, negativismo/cinismo, desconfiança/paranoia, depressão/tristeza crônica, sentir-se pressionado, oprimido, prazer diminuído, perda do senso de humor
REAÇÕES DO PENSAMENTO	Cansado de pensar, pensamento obsessivo, dificuldade de concentração, aumento da distração, desatenção, problemas com decisões e/ou prioridades, sentir-se indispensável, obsessões, tolerância diminuída à ambiguidade, pensamento restrito, pensamento rígido/inflexível
REAÇÕES COMPORTAMENTAIS	Irritabilidade, deslocamento da raiva/ culpar os outros, a relutância em iniciar ou terminar tarefas
REAÇÕES FILOSÓFICAS/ ESPIRITUAIS	Dúvida do sistema de valores/crenças religiosas, questionamento das principais áreas da vida (profissão, emprego, estilo de vida), sentir-se ameaçado e vitimado, desilusão, autopreocupação

Continua na próxima página

17 COISAS QUE VOCÊ PODE FAZER PARA GERENCIAR O ESTRESSE

- 1 Evitar ou limitar o tempo com pessoas que causem estresse adicional.
- 2 Gerencie seu ambiente. Se as notícias o deixam ansioso, tente evitar ouvi-las ou entrar em discussões políticas.
- 3 Faça uma lista de prioridades. Anote as coisas que DEVEM ser feitas em cima e as coisas menos importantes mais em baixo, e siga a lista.
- 4 Expresse sentimentos em vez de engarrafá-los. Se algo ou alguém está incomodando, comunique suas preocupações de uma forma aberta e respeitosa.
- 5 Esteja disposto a fazer concessões. Quando pedir a alguém para mudar o seu comportamento, esteja disposto a fazer o mesmo. Se ambos estiverem dispostos a ceder, pelo menos um pouco, você terá uma boa chance de encontrar um meio termo feliz.
- 6 Ajuste seus padrões. Não tente ser sempre perfeito no que faz, especificamente numa situação de desastre. Defina pra si próprio padrões razoáveis.
- 7 Pratique exercícios. Saia para uma caminhada lenta. Alongue ou faça alguns movimentos de exercícios, como polichinelos no lugar ou movimentos de ioga.
- 8 Concentre-se no positivo. Tome um momento para refletir sobre todas as coisas que você aprecia em sua vida. No final de cada dia, anote três coisas que correram bem naquele dia.
- 9 Não tente controlar o incontrolável. Muitas coisas na vida estão além do nosso controle – particularmente, o comportamento de outras pessoas. Concentre-se nas coisas que você pode controlar.
- 10 Por exemplo, como você escolhe reagir a situações e problemas.
- 11 Aprenda a perdoar. Aceite o fato de que vivemos em um mundo imperfeito e de que as pessoas cometem erros. Deixe de lado a raiva e os ressentimentos. Liberte-se da energia negativa por meio do perdão e siga em frente.
- 12 Conecte-se com os outros. Passe tempo com pessoas positivas que melhorem a sua vida.
- 13 Separe tempo para a oração ou a meditação. Pelo menos cinco minutos por dia para meditar ou rezar vão ajudar a trazer calma para a sua sensação de bem-estar.
- 14 Mantenha seu senso de humor. Isso inclui a capacidade de rir de si mesmo e das situações. O riso ajuda a reduzir o estresse e melhora a saúde em geral.

Continua na próxima página

- 15 Faça uma dieta saudável.
- 16 Reduza a ingestão de cafeína (chá/café) e de açúcar.
- 17 Evite bebidas alcoólicas, cigarros e drogas.

Durma o suficiente. O sono adequado é um combustível para sua mente, bem como seu corpo. Sentir-se cansado aumentará seu estresse, pois pode fazer com que você pense de forma irracional.

NOTAS DE CAMPO

Area for field notes with horizontal dotted lines.

NOTAS DE CAMPO

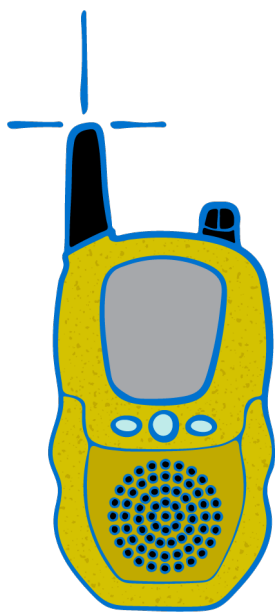
Area for field notes with horizontal dotted lines.



SEÇÃO 6
ESTUDOS DE CASO

ESTUDO DE CASO Nº 1

SISTEMA DE ALERTA PRÉVIO EM EL SALVADOR



Salinas del Potrero em El Salvador sofre anualmente com inundações. Durante esse período, a população dispersa do pueblo de 1.000 pessoas é evacuada para um local seguro. Na região, há apenas um alto-falante para alertar a comunidade sobre qualquer perigo. Em uma avaliação da comunidade, os membros das comunidades mais distantes não conseguem ouvir o alto-falante, tornando-os os mais vulneráveis a inundações ou tsunamis. A igreja identificou a necessidade de melhorar o sistema de alerta prévio através da aquisição de walkie-talkies. A equipe da igreja e os membros da comunidade visitaram as áreas de alto risco e testaram o alcance e a eficiência do sistema. Mesmo a oito quilômetros da comunidade mais distante, o walkie-talkie funcionou! A igreja decidiu comprar um par para cada uma das comunidades auxiliadas. Eles também treinaram líderes em áreas estrategicamente localizadas para atuar como um ponto de contato entre as comunidades e os funcionários do governo, notificando quaisquer perigos iminentes e, em seguida, transmitindo informações usando um sistema de comunicação em "árvore". O sistema fortaleceu a coesão social entre as comunidades da região, que atuam coletivamente neste esforço. Vários anos após a instalação do sistema, as comunidades falam de sua capacidade de evacuar a tempo quando houver um alerta de inundação ou tsunami. O sistema de alerta precoce também é usado quando grupos violentos vão à área.

ESTUDO DE CASO Nº 2



MOÇAMBIQUE

Após repetidas inundações anuais no mesmo grupo de aldeias, a igreja continuou melhorando e aprimorando seu mecanismo de resposta a emergências. A igreja formou e equipou comitês de emergência, baseando-se nas redes de contato sociais existentes e nos ministérios da igreja. Em momentos de desastre, esses comitês ajudam a identificar os mais vulneráveis, cadastrar famílias impactadas, coordenar compras e transporte de produtos e mobilizar voluntários para logística e distribuição de suprimentos. Os comitês eram formados por jovens, mulheres, o governo local e líderes inter-religiosos da comunidade, incluindo muçulmanos e várias denominações cristãs. Os comitês, por meio de dinâmicas e grupos de discussão, foram treinados para abordar problemas comuns ao lidar com desastres, incluindo priorizar participantes com recursos limitados, abordar as lacunas após o mapeamento das partes interessadas, construir confiança e transparência, e conectar-se com a sociedade civil e organizações governamentais locais.

Ao longo dos anos, a igreja melhorou seus formulários de avaliação para que as comunidades pudessem identificar melhor as comunidades vulneráveis – isso incluiu a abordagem considerando questões de gênero e a prestação de serviços para lidar com a violência doméstica.

A cada ano, a igreja acrescentou um novo nível de resiliência a desastres. Às vezes, era aprimorando seu mecanismo de alerta prévio, ou introduzindo variedades de plantações resistentes a enchentes, ou atividades de preparação em nível doméstico e kits de emergência. Esse processo de engajamento fortaleceu a coesão e propriedade da comunidade.

ESTUDO DE CASO Nº 3



SRI LANKA

Com um clima em mudança, o Sri Lanka sofre vários desastres anualmente, incluindo ciclones, inundações, deslizamentos de terra e secas. Com base na vasta experiência do tsunami de 2004 no Oceano Índico e na longa guerra civil de 30 anos, a igreja no Sri Lanka desenvolveu um programa de resiliência a desastres que procurou equipar as igrejas para melhor se preparar e responder a desastres. Com um programa de treinamento em cascata sobre resposta a desastres e resiliência, trabalhar com as partes interessadas tem sido essencial.

A diocese trabalha com e através de: comitês regionais - estes são ecumênicos e realizam pesquisas, mapeamento comunitário, planejamento e implementação, o Ministério de Gestão de Desastres, parceiros ecumênicos, sociedade civil, comitês de gestão de desenvolvimento de cidades e o governo local em nível distrital.

Após o deslizamento de terra em 2017, esses comitês e relacionamentos se mostraram eficazes. Os voluntários, jovens, estruturas de rede e igrejas desempenharam um papel fundamental na distribuição de barris de armazenamento de água, na triagem de itens de ajuda humanitária durante a resposta ao desastre, limpeza de casas e alguns jovens ajudaram na escrita de propostas e relatórios.

Com o tempo, o trabalho de resposta a desastres e resiliência da Diocese de Colombo cresceu e se expandiu. Além de se tornarem ecumênicos, os comitês se engajaram em outros trabalhos comunitários, como reflorestamento, esquemas de água e de subsistência. Este é um modelo que eles querem ver ser replicado em outros lugares. O pensamento baseado em recursos tornou-se tão profundamente enraizado que agora, quando um desastre atinge o Sri Lanka, a diocese não pede financiamento a organizações externas. Eles podem mobilizar seus grupos de jovens, sua União de Mães e suas paróquias para financiar a fase inicial de ajuda, que pode durar de três a seis meses. Os parceiros internacionais só são abordados se houver necessidade de um programa de recuperação posterior que vá além da fase de alívio.

REFERÊNCIAS

1. Abarquez I and Murshed Z (2004). Field Practitioner's Handbook, Asian Disaster Preparedness Center.
2. Anderson M (1999). Do No Harm: How Aid Can Support Peace or War, Lynne Rienner Publishing.
3. Asia Pacific Team (2012). Disaster Risk Reduction Toolkit, World Vision International
4. Bainbridge D, Macpherson S and Marshall M (2007). Good Practice Guide to Gender Sensitivity, Tearfund.
5. Blackman R and Carter I (2010). Roots 13: Environmental Sustainability, Tearfund.
6. Berry K (2010). Safety with Dignity, ActionAid.
7. Care International (2010). Emergency Toolkit.
8. Carter I (2004). Mobilizing the church: A PILLARS Guide, Tearfund.
9. Carter I (2003). Mobilizing the community: A PILLARS Guide, Tearfund.
10. Carter I (2002). Preparing for disaster: A PILLARS Guide, Tearfund.
11. Curtis D (2001). Politics of Humanitarian Aid: Debates, Dilemmas and Dissension, Overseas Development Institute.
12. Dulhunty A (2008). The Protection Toolkit, Australian NGO Mainstreaming Protection Project.
13. Inter-Agency Standing Committee (2007). IASC Guidelines on Mental Health and Psychosocial Support in Emergency Settings, IASC.
14. Inter-Agency Standing Committee (2006). Women, Girls, Boys and Men: Different Needs – Equal Opportunities, IASC.
15. Hansford, B (2006). Disasters and the Local Church, Tearfund.
16. Heijmans A and Victoria L (2001). Citizenry-Based & Development-Oriented Disaster Response, CDP.
17. Terry F (2002). Condemned to Repeat/ The Paradox of Humanitarian Action, Cornell University.
18. The Sphere Project (2011). The Sphere Handbook.
19. Training Course Materials (2005). Community Based Disaster Risk Management, ADPC.
20. Turnbull M, Sterrett C and Hilleboe A (2013). Toward Resilience, ECB Project.
21. Twigg J (2010). Characteristics of a disaster-resilient community, Eldis.
22. Venton P and Hansford R (2006). ROOTS 9: Reducing risk of disaster in our communities, Tearfund.
23. Venton P and La Trobe S (2008). Linking climate change adaptation and disaster risk reduction, Tearfund.
24. United Nations International Strategy for Disaster Reduction (2009). Terminology on disaster risk reduction.
25. United Nations International Strategy for Disaster Reduction (2012). Towards a Post-2015 Framework for Disaster Risk Reduction.
26. United Nations Development Program (2004). Reducing Disaster Risk, A Challenge for Development.
27. US Disaster Program (2011). Preparedness Planning Guide, Episcopal Relief & Development.
28. Wisner B, Blaikie P, Cannon T and Davis I (2003). At Risk: natural hazards, people's vulnerabilities and disasters, Routledge.

Manuais de ferramentas com recursos adicionais

1. Protection: Training Guide and Toolkit, Australian NGO Mainstreaming Protection Project.
2. Women, Girls, Boys and Men: Different Needs – Equal Opportunities, IASC.
3. Disasters and the Local Church, Tearfund.
4. Reducing Risk of Disaster in our Communities, Tearfund.



Sensibilização da União de Mães do Burundi sobre as práticas de higiene de prevenção da COVID-19 na Diocese de Ngozi - demonstração adequada de lavagem das mãos com balde de água e sabão



Avaliação da Comunidade em Zimbábue



Clínica de Saúde Comunitária de Bangladesh



Reconstrução habitacional no Haiti



Um casal em Palacio participando da reconstrução de sua própria casa projetada para ser mais resistente a tufões nas Filipinas



Tippy-Tap, um dispositivo simples para lavar as mãos com água corrente para prevenção da COVID-19 em Gana



Trabalhando em conjunto com líderes religiosos no Quênia para ajudar as pessoas afetadas por enchentes e a COVID-19



Projeto de recuperação de meios de subsistência nas Filipinas



Grupos de mulheres na Índia participando de grupos focais comunitários



Reconstrução de casas em El Salvador em uma base mais alta para ser resiliente às inundações

